



Escola Superior de Educação de Paula
Frassinetti
Mestrado em Educação Pré-escolar e Ensino do 1.º
Ciclo do Ensino Básico

Estratégias e Recursos da Prática de Ensino Supervisionada

Discente: Mariana Gomes Terra

Orientadora: Doutora Daniela Gonçalves

Porto
2017

Mariana Gomes Terra

Relatório de Estágio apresentado à Escola Superior de Educação
de Paula Frassinetti para a obtenção do grau de Mestre em
Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Orientadora: Professora Doutora Daniela Alexandra Ramos
Gonçalves

Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

Porto

2017

*Ao meu pai, que partiu no final do meu percurso académico.
Todo este trabalho é dedicado a ele porque para além de ter
sido um grande pai, foi o meu melhor amigo ao longo dos
meus vinte e dois anos.*

Este sonho era partilhado pelos dois.

Resumo

É importante reformular a intervenção educativa: reinventar as práticas, as estratégias, as relações, os recursos e as reflexões que daqui podem resultar. É urgente pensar e criar novas estratégias capazes de educar para o presente e para o futuro, com uma finalidade de gerar uma aprendizagem ativa, significativa, diversificada e integrada.

Consideramos, pois, que só investindo num processo de ensino personalizado, que requer motivação, criatividade e uma relação de proximidade, é que se alcança uma aprendizagem verdadeiramente eficaz.

Foi neste âmbito, e a partir da experiência formativa em contexto de 1.º Ciclo do Ensino Básico, bem como dos resultados da aplicação de um inquérito por questionário na formação de professores que, desenhamos um proposta educativa de acordo com o contexto onde se realizou a prática de ensino supervisionada em 1.º CEB, onde o grande contributo para a aprendizagem dos alunos residiu nas estratégias definidas, nos recursos selecionados e, ainda, nos instrumentos ao serviço da intencionalidade pedagógica.

Todo o percurso investigativo que aqui se apresenta é fruto de uma opção metodológica qualitativa que pretendeu essencialmente conhecer bem o contexto educativo, para o melhorar. Os principais resultados estão associados à apropriação do processo de aprendizagem por parte dos alunos do 1.º CEB.

Palavras-chave: estratégias, recursos, prática de ensino supervisionada, motivação, criatividade, relação pedagógica positiva.

Abstract

It is important to reformulate the interventional education: reinvent the practices, the strategies, the relationships, the resources and the reflections that may result from here. It is urgent to think and create new strategies capable of educate for the present and for the future, with the goal to generate an active, significant, diversified and integrate apprenticeship.

We, therefore, consider that only by investing in a process of specialized education, which requires motivation, creativity and a close relationship, is that truly effective learning is achieved.

It was within this scope, and from the formative experience in context of primary school, as well as the results of the application of an inquiry into teacher training, that we draw an educational proposal according to the context where the supervised teaching practice was carried out in primary school, where the great contribution to the students learning resided in defined strategies, in selected resources, and, still, in the instruments in the service of pedagogical intentionality. All of the investigative course represented here is the result of a qualitative methodological option which essentially intended to know well the educational context to improve it. The main results are associated to the appropriation of the learning process by the students of primary school.

Key words: strategies, resources, supervised teaching practice, motivation, creativity, positive pedagogical relationship.

Agradecimentos

Um obrigada enorme à minha Super Mulher Madalena Terra, que apesar das dificuldades que fomos enfrentando ao longo destes anos, nunca desistiu de mim, nem dos meus sonhos. Sem o trabalho e o apoio incondicional dela, nada disto seria possível. Esta vitória também é dela.

Um obrigada gigante ao meu irmão Filipe Terra, por ter dado início a esta longa caminhada. As nossas longas conversas, os seus conselhos e apoio total foram igualmente fundamentais para a concretização deste sonho.

À minha sobrinha Sofia Terra, à minha cunhada Bárbara Terra, às minhas tias e à minha restante família um obrigada do tamanho do mundo, pela força e pelo apoio prestado ao longo desta caminhada.

Um obrigada especial ao meu namorado Fábio Gabriel pelo companheirismo, pelo apoio, pelo incentivo e pela paciência que teve comigo, no decorrer destes cinco anos.

Obrigada à minha melhor amiga Marta Rente pela segurança, pela confiança, pelo amparo e pelo apoio prestado desde sempre.

Obrigada à pessoa que está comigo desde o primeiro dia de faculdade e que nunca me deixou cair: Rute Caldas. Juntas conseguimos ultrapassar vários obstáculos, dando assim o verdadeiro significado às palavras “companheirismo” e “amizade”.

Obrigada à minha irmã de praxe e de coração Catarina Moreira, por todos os momentos de partilha e boa disposição.

Obrigada a todos os meus amigos, pelo apoio constante e pela amizade. Um em especial às minhas amigas Cristina Ribeiro, Mariana Tomaz, Patrícia Almeida, Mariana Ferreira, Rita Pereira, Rita Sousa, Ana Ventura, Raquel Serafim, Vânia Sousa, Vânia Rodrigues, Marta Carvalho, Maria Marques e Carla Brandão.

Um obrigada gigante e muito especial à professora Daniela Gonçalves, que desde a primeira aula me cativou e me mostrou o que é realmente o mundo da educação, bem como o que é ser um professor de excelência. Como diz a fadista Mariza: “Há gente que fica na história, da história da gente”.

A toda a comunidade educativa da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti o meu muito obrigada, por estes cinco anos fantásticos. Um agradecimento

especial aos professores Margarida Quinta e Costa, Isabel Cláudia, Clara Craveiro, Irene Cortesão, Miguel Prata e Rui Ramalho.

Para finalizar um obrigada à instituição que me acolheu neste último ano, bem como à professora Marta Santos pela total disponibilidade e apoio prestado.

Índice

Introdução.....	1
I. Enquadramento Teórico	2
1.1. O Sucesso Educativo	2
1.2. O professor de Excelência.....	7
1.3. As Cinco Teorias	8
1.4. Métodos Pedagógicos	9
1.5. A Motivação, a Criatividade e a Relação Pedagógica Positiva	11
II. Metodologias de Investigação.....	21
2. Tipo de Estudo	21
2.1 Participantes no Estudo.....	22
2.2 Instrumentos de Recolha e Tratamento de Dados.....	22
2.3 Análise dos dados de investigação provenientes do inquérito por questionário ..	23
III. Proposta de Intervenção Educativa.....	32
3. Caracterização do Contexto Educativo	32
3.1 Caracterização da turma	34
3.2. Estratégias, recursos e instrumentos utilizados na prática educativa	35
3.2.1. Experiências	36
3.2.2. Os Primeiros Socorros	40
3.2.3. A história do Capuchinho Vermelho	41
3.2.4. Baú Surpresa	42
3.2.5. O “Mima-me”	43
3.2.6. Uma aula de feitiços.....	44
3.2.7. Quando são as crianças a lecionar a aula.....	46
3.2.8. Uma exposição dentro da sala de aula	47
Considerações Finais	49
Referências Bibliográficas	52
Anexos	1

Índice de Gráficos

Gráfico I- Opiniões acerca do Sucesso Educativo, segundo as afirmações fornecidas	26
Gráfico II- Opiniões acerca da Motivação, segundo as afirmações fornecidas.....	28
Gráfico III- Opiniões acerca da Criatividade, segundo as afirmações fornecidas	30

Índice de Imagens

Imagem I- Trabalho de grupo- Preenchimento da folha (expectativas)	37
Imagem II- Trabalho de grupo- Realização da experiência em pequeno grupo	37
Imagem III- Trabalho de grupo- Apresentação à turma das pesquisas e da experiência realizada	38
Imagem IV- Experiência com o "Globo Branco"	39
Imagem V- Experiência da Bússola	39
Imagem VI- Primeiros Socorros- Manobra de Heimlich.....	40
Imagem VII- Primeiros Socorros- Posição Lateral de Segurança (PLS).....	41
Imagem VIII- Diapositivo do Power Point, da história "O Capuchinho Vermelho"	42
Imagem IX- Exterior do Baú Surpresa	43
Imagem X- Interior do Baú Surpresa.....	43
Imagem XI- Caderno "Mima-me"	44
Imagem XII- Acessórios utilizados na aula da Bruxa	45
Imagem XIII- Jogo da criação de palavras novas.....	45
Imagem XIV- Trabalho de Grupo- Pesquisa e preparação da apresentação	47
Imagem XV- Trabalho de Grupo- Apresentação das pesquisas realizadas.....	47
Imagem XVI- Exposição da Banda Desenhada- Folhear dos livros	48
Imagem XVII- Exposição da Banda Desenhada- Uma das várias mesas da exposição	48

Lista de Abreviaturas

CEB– Ciclo do Ensino Básico

RI – Regulamento Interno

PEA – Projeto Educativo de Agrupamento

PPA – Plano Plurianual de Atividades

Introdução

O presente relatório de estágio foi realizado no âmbito das Unidades Curriculares de Estágio e Prática de Ensino Supervisionada I e II, incluídas no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. O mesmo foi orientado pela Doutora Daniela Gonçalves e teve como principal objetivo a demonstração da importância da inovação das estratégias pedagógicas e dos recursos que são utilizados nas salas de aula no 1º Ciclo do Ensino Básico.

A escolha desta temática surgiu no âmbito de uma investigação sobre as estratégias utilizadas em sala de aula pelos docentes do 1.º CEB, assim como o modo como estas influenciam as aprendizagens dos mais novos, proporcionando, em simultâneo, momentos significativos e ativos. Considerando que a motivação, a criatividade e uma relação pedagógica positiva são essenciais na elaboração, delineamento e planificação antecipada das atividades a serem realizadas em sala de aula, podemos afirmar que estes três fatores juntos e bem organizados promovem o sucesso educativo. Tal como consideram Balancho e Coelho (1994, p.17), “pode designar-se por motivação tudo o que desperta, dirige e condiciona a conduta. Pela motivação, consegue-se que o aluno encontre motivos para aprender, para se aperfeiçoar e para descobrir e rentabilizar capacidades”.

Desta forma, pretendemos investigar o tipo de estratégias, materiais e recursos que são usados nas salas de aulas e até que ponto é que estes podem interferir (positiva ou negativamente) nas aprendizagens dos alunos.

Este relatório encontra-se dividido em três grandes capítulos. O primeiro capítulo aborda o Enquadramento Teórico, no qual há uma explicação dos temas subjacentes ao tema principal, segundo alguns autores. Esta parte também é fulcral, uma vez que a teoria fundamentou a prática pedagógica. O segundo capítulo examina as Metodologias de Investigação, onde é apresentado o tipo de estudo feito, bem como o aprofundamento da temática em questão, com o apoio de inquéritos realizados aos alunos do curso de Mestrado de Formação de Professores da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti. O terceiro capítulo aborda a Proposta de Intervenção Educativa, onde são apresentadas

estratégias e recursos utilizados em sala de aula. Por último, encontram-se as considerações finais, que são compostas pela autoavaliação e pela reflexão de todo o processo da investigação.

I. Enquadramento Teórico

1.1. O Sucesso Educativo

No quotidiano, quando existem referências acerca do sucesso educativo, há imediatamente uma associação ao trabalho que os alunos executam para alcançarem boas notas. Por outras palavras, regra geral, o tal sucesso é alcançado somente pelos alunos e está associada a classificações quantitativas. Em nosso entender, tal não é totalmente válido, porque considera-se que este processo envolve também os professores, a escola e a família.

A literatura que investiga os fatores explicativos do sucesso dos alunos é abundante, incidindo quer sobre o sucesso escolar em geral e sobre o seu reverso, o insucesso escolar, quer sobre o sucesso/insucesso junto de populações específicas.

Zins et al. (2004) evidenciaram que, no sucesso escolar, interferem, de forma positiva, predominantemente: (i) ambientes seguros e pacíficos; (ii) relações afetuosas entre alunos e professores, promotoras do desejo de aprender e estar na escola; (iii) estratégias de ensino mais eficazes que envolvam os alunos; (iv) o trabalho em conjunto dos professores e das famílias; (v) alunos mais confiantes e implicados nos seus processos de aprendizagem e (vi) alunos conscientes das tarefas que lhes são atribuídas e que se apoiam na resolução de problemas.

Alguns estudos atentam, particularmente, sobre o sucesso escolar dos alunos com maiores dificuldades de aprendizagem (Moreira, 2016). Para os alunos mais desfavorecidos e com maiores dificuldades de aprendizagem, a “escola conta”, não só porque ela pode limitar-se a perpetuar essas dificuldades, ou, pelo contrário, ter um forte impacto sobre a melhoria do seu rendimento escolar. A qualidade da escola e dos seus professores, especialmente a qualidade dos processos desenvolvidos para promover o sucesso educativo de todos os

alunos, incluindo, pois, os que apresentam maiores dificuldades de aprendizagem, surge como um elemento decisivo e o melhor preditor de bons resultados académicos.

No que concerne ao papel do professor, salientamos características do seu perfil – motivação, profissionalismo, humanismo, humildade e implicação – porque se consideram essenciais para o processo de aprendizagem e ensino adequado.

Parafrazeando Zabalza Beraza e Zabalza Cerdeiriña (2012, p. 86)

“ser docente, es algo complejo, sublime y más importante que enseñar matemática, biología, inglés u otra asignatura. Educar es alumbrar personas autónomas, libres y solidariad. Es ofrecer los ojos propios para que os alumnos(as) pueden mirar la realidad sin miedo”.

Ora, a motivação surge na persecução de objetivos e tarefas, independentemente dos obstáculos que possam, eventualmente, surgir. Para tal, é necessário a humildade suficiente para aprender com os erros, com os outros e com os avanços no processo educativo, reveladores de um exercício profissional coerente com contornos de uma cultura humanista. Associadas a estas características surge a implicação do profissional, que se estende a todas as dimensões do processo de ensino e de aprendizagem, e o que este investe numa procura constante em prol do ato de aprender de forma eficaz. Nestas circunstâncias, cabe ao docente aplicar a diferenciação pedagógica na sua sala, adaptar o currículo aos alunos e encontrar estratégias pedagógicas diferenciadas, sendo para isso fundamental que conheça os seus alunos de modo a auxiliá-los a ultrapassar as suas maiores dificuldades e bloqueios. Tal como profere Sánchez (2007, p.23)

“Los profesores son sujetos autónomos, y esto quiere decir que tienen independencia y libertad para participar en el currículum. Labor del profesor es programar sus clases, y así en la medida de lo posible deberá adaptar los contenidos y objetivos de su enseñanza a la realidad de su aula. El currículum es mucho más que una serie de contenidos que tenemos que impartir en nuestras clases, también incluye todos aquellos aspectos de orden metodológico y procedimental para ayudar al docente en sus tareas cotidianas de programación, docencia y evaluación¹². El profesor debe establecer cuáles son los mejores estilos de enseñanza y adecuarlos a sus alumnos”.

A diferenciação pedagógica é, então, muito mais do que criar alternativas ou adaptações; é de salientar que, igualdade de oportunidades educativas não

significa, por exemplo, dar a todos o mesmo tempo de realização de uma tarefa, mas sim ter a consciência que cada um aprende à sua maneira e ao seu ritmo. Quando as estratégias e as diferenciações pedagógicas falham e conseqüentemente a aprendizagem do aluno sofre uma lacuna, isto vai despoletar uma fatalidade e/ou retenção. A nosso ver, retardar a caminhada de uma criança pode causar prejuízos muito mais graves do que a própria retenção, esta por sua vez pode, muito bem, ser evitada. Por outro lado, achamos igualmente necessário, e importante, a utilização do ensino personalizado.

Segundo Oliveira (2007, p.63)

“A preocupação por um ensino mais individualizado e personalizado provém do desejo de uma maior eficácia, a juntar a uma sensibilidade mais democrática da sociedade e a uma atenção especial a cada pessoa. Ensino individualizado não é sinónimo de ensino individual em que o professor se preocupa exclusivamente com um aluno. O ensino individualizado não se centra propriamente num aluno, mas procura adaptar a prática didáticas às necessidades, interesses e ritmos individuais dos alunos do mesmo grupo. O projeto educativo, embora nas linhas gerais abranja a todos, na sua concretização adaptasse a cada um”.

Por outras palavras, o docente, como já foi referido acima, deve procurar lecionar de acordo com as capacidades – facilidades e dificuldades - e ritmos dos seus alunos. No entanto, existem, também, crianças que exigem e necessitam de mais atenção.

Segundo Álvaro Almeida dos Santos et al (2009, p.63) “o acompanhamento dos alunos, contínuo, sistemático e conseqüente, é fundamental para garantir o sucesso educativo e a redução do abandono escolar. Este acompanhamento pressupõe a recolha de informação, análise, diagnóstico e implementação de medidas de acção”.

É igualmente essencial que os professores disponham de estratégias pedagógicas refletidas, intencionais e diferenciadas para todos os alunos. Para tal, em nosso entender é necessária uma certa criatividade para dar resposta a todos os alunos e, de certo modo, esta atitude criativa marcará seguramente a diferença no ato de aprender. Mais uma vez, tal como José Oliveira (2007, p.64) refere,

“Há variáveis diferenciadoras mais referentes ao aluno (idade, ritmo de trabalho, etc.), à formulação de objetivos (podem ser diversificados, mas tendo sempre em conta os interesses e capacidades dos alunos), aos meios ou métodos educativos (que devem ser ativos, usando os meios audiovisuais, as dinâmicas de grupo, uma boa gestão do tempo e do espaço escolar, a avaliação das diversas acções, que não devem ter propriamente em conta a norma ou a

comparação com outros alunos (média estatística) mas o próprio aluno e os objetivos que lhe foram traçados)”.

As escolas, em geral, têm um papel fundamental na construção do sucesso educativo e os professores, em particular. Parafraseando Ferreira e Santos (2008, p.5),

“A investigação mostra que quando o professor acredita em si, acredita também nos seus alunos e na capacidade de todos, em conjunto, realizarem de forma gratificante e com sucesso as situações de aprendizagem. A certeza de que todas as crianças podem aprender e de que ensinar crianças com dificuldades é ensinar mais e não menos parece constituir convicção comum aos docentes que atribuem a si a responsabilidade pelo que na aula se passa.”

Esta, também, tem de se adaptar às necessidades dos alunos e, acima de tudo, de respeitá-los, quanto às suas origens e o seu meio social. O ambiente calmo e positivo também deve fazer-se acompanhar por um trabalho de equipa (entre professores, escola-professores, professores-alunos e escola-família) que, por sua vez, vai gerar um sentimento partilhado de pertença a um projeto comum e uma convicção de que todos podem ter um longo caminho pela frente, repleto de vitórias.

“A boa escola é aquela onde há consistência, pois toda a comunidade segue a mesma visão, ou seja, uma espécie de estrela que serve de orientação para todos os que estão imbuídos daquele objetivo. Tal como preferimos um determinado dentista, pois consideramos que ele tem consistência (é experiente, apresenta bons resultados, goza de boa reputação, é disponível, é simpático, por exemplo), também com a escola se passa o mesmo. Numa escola consistente, a escolha dela por parte dos pais prende-se com muitos aspectos, nomeadamente do tipo de ensino praticado e da atenção que é dada ao aluno” (Cardoso, 2013, p.264).

A gestão do tempo, e o tempo em si, também é algo precioso. Como já foi referido, cada aluno aprende à sua maneira e o tempo é crucial para cada um adquirir novos conceitos e novas matérias ou, até mesmo, para aperfeiçoar algo. A partilha e a reflexão são, igualmente, dois pontos importantes neste processo, porém são muitas vezes esquecidos.

As famílias são, também, um pilar básico na construção do sucesso educativo. Estas devem estar, desde logo, implicadas na vida escolar dos seus mais que tudo. Como refere Álvaro dos Santos (2009, p.111),

“os pais são parte fundamental da equação que rege o sucesso educativo dos seus filhos. A escola assume um papel importante no modo como se relaciona com os pais e como partilha responsabilidades pela educação dos alunos. (...) É do interesse de toda a comunidade escolar que a relação pais-escola seja próxima. Neste sentido, é importante a promoção de uma relação de proximidade

e de envolvimento dos pais com a escola. Esta promoção pode ser realizada através de vários mecanismos, devendo a escola adaptar os mesmos à sua realidade”.

O trabalho cooperativo entre escola-casa, o conhecimento de todo o percurso do aluno por parte da família e os esforços mútuos de ambos são essenciais para estimular os mais novos a querer ir mais além. De acordo com Davies (1989, p.38),

“Quando os pais se envolvem, as crianças têm melhor aproveitamento escolar e vão para melhores escolas. Os programas concebidos com forte envolvimento parental produzem estudantes com melhor aproveitamento que os programas idênticos, mas sem envolvimento dos pais. As crianças cujos pais as ajudam em casa e mantêm contactos com a escola têm pontuações mais elevadas que as crianças com aptidões e meio familiar idênticos, mas privadas de envolvimento parental. As escolas com elevadas taxas de reprovação melhoram imenso quando os pais são solicitados a ajudar”.

Por último, os alunos, que são vistos como as personagens principais nesta história denominada de “sucesso educativo”. Estes devem estar incluídos em tudo e devem sentir-se bem, pois se isto acontecer e se eles reconhecerem o cuidado que estão a ter com eles, vão mostrar mais confiança em si e nos seus professores e, *quicá*, mais motivação para abraçarem e se apropriarem do seu percurso educativo. Embora a parte do “querer” também tenha de partir deles, tudo o que os rodeia é, sem dúvida, decisivo para o seu avanço escolar, uma vez que “os alunos motivados demonstram comportamentos e pensamentos que optimizam a aprendizagem e o desempenho, tais como tomar iniciativas, enfrentar o desafio ou utilizar estratégias de resolução de problemas” (Simão et al.,2010, p.10).

1.2. O professor de Excelência

Sendo o papel do professor um dos focos principais desta investigação, passaremos a caracterizar o professor de excelência, que segundo Cardoso (2013, p.59)

“é aquele que marca para sempre a vida de gerações de estudantes e que, por isso mesmo, terão destes o seu tributo. As suas práticas de ensino são fortemente planeadas, os objetivos traçados e avaliados, a cada momento, com o necessário rigor”.

Ao longo dos anos, o papel do docente foi-se modificando. Começou por ser exclusivamente um transmissor de conhecimento e aos poucos começou a partilhar esse “poder” com os alunos, para que estes tivessem um papel mais ativo nas suas aprendizagens. Atualmente, este tipo de docente, de excelência, está dependente do modo como desperta o espírito crítico dos seus alunos, querer conhecer mais e estar em constante atualização, ser proficiente na comunicação, não esquecendo a preocupação com as diferentes etapas da intervenção educativa. O professor de excelência é, também, um professor motivador. Segundo Ramalheiro, citado por Cardoso (2013, p.69),

“um bom professor é aquele que encara cada aula como um desafio, expressando a sua profunda paixão em poder interagir num contexto educativo, conquistando desta forma um avanço significativo na aprendizagem dos seus discípulos. Assim, a autoridade do professor deve, de preferência, ser conquistada e não tanto imposta, assumindo a liderança através do seu desempenho”.

Por outras palavras, o docente acredita e conhece bem os seus alunos, aconselha-os, guia-os, cativa-os através de estratégias mais atrativas, para além de privilegiar a positividade na comunicação e na atitude. É necessário que os alunos tenham *feedback* ao longo do seu percurso e do seu progresso, no sentido de se apropriarem do processo de aprendizagem. Por outro lado, quando a desmotivação rouba lugar à motivação, esta pode potenciar a indisciplina e o insucesso escolar. Face ao exposto, pode surgir um círculo vicioso caracterizado por insucesso escolar – pouca motivação – baixo investimento no estudo, que o professor deve terminar ou até mesmo evitar. Um professor de excelência percebe que os alunos são todos diferentes e, por isso mesmo, deve chegar a

todos através de diversificados métodos, estratégias e recursos adequados às suas facilidades e dificuldades.

1.3. As Cinco Teorias

Depois de caracterizado o modelo “ideal” de professor, segue-se as cinco teorias que categorizam as várias formas de aprendizagens, sendo importante perceber que todos os alunos são diferentes, com capacidades e ritmos distintos.

A Teoria Cognitivista estuda a forma como os alunos aprendem, a nível cognitivo. Aqui, o docente escolhe o processo de ensino/aprendizagem que melhor se adequa a cada aluno. Geralmente, conclui, também, que deve valorizar a compreensão ao invés da memorização. Ora, o professor deve proporcionar atividades que possibilitem a procura de informações para os problemas propostos. Os alunos têm, assim, um papel ativo na construção do seu próprio conhecimento, uma vez que o docente apenas se limitou a guiá-los.

Autores como Piaget (2013, p.229) definiam este processo como construtivismo. Os recursos usados podem ser variados, todavia é mais fácil para os alunos, se os professores começarem no geral para o particular.

A Teoria Comportamental dá ênfase aos comportamentos dos alunos. Quando estes são mais inquietos, a apresentação das matérias deve ser feita devagar e cuidada, para que haja um estímulo, e este por sua vez criar no aluno a autoconfiança desejada e necessária na aprendizagem. Cardoso (2013, p.230) afirma ainda que,

“O professor deve sempre procurar, a cada passo, obter feedback da matéria que acabou de ensinar. Comprovará se houve aprendizagem, quer por observação das expressões faciais e corporais, quer, sobretudo, por perguntas que possa fazer a vários alunos da turma. Aqui não basta perguntar «perceberam?», pois muitos alunos dizem que sim, embora possam nem ter ouvido o que acabou de ser dito. A aprendizagem é, portanto, para esta teoria, uma alteração de comportamentos”.

Na Teoria do Construtivismo, muitos autores defendem que os alunos devem ter um papel ativo na construção do seu conhecimento, ou seja, eles constroem ativamente o seu próprio conhecimento por meio da sua reflexão sobre as experiências de interação com o mundo que os rodeia. O professor deve, apenas, incentivá-los através do diálogo, e proporcionar-lhes atividades das quais eles possam retirar experiências significativas. Esta corrente de

pensamento, também, procura que os alunos ganhem gosto pelas autoaprendizagens, e, ao contrário das outras, faz mais apelo ao ensino individualizado, embora as experiências de grupo estejam sempre presentes.

A Teoria do Conectivismo baseia-se na assunção de que o cérebro do ser humano muda e se formata em função das novas tecnologias.

“Como estas vieram alterar a forma como as pessoas vivem, comunicam e aprendem, nós, seres humanos, devemos adaptarmo-nos a elas. Segundo Cardoso, a construção do conhecimento não é mais do que a combinação de dois elementos: a percepção (a capacidade de reconhecer) e o percetor (o que reconhece)” (Cardoso, 2013, p.232).

Por último, a Teoria do Generativismo, defende uma aprendizagem baseada numa recriação constante do conhecimento. Por outras palavras, é a capacidade que o ser humano tem para conquistar novos significados, além do conhecimento convencional, a partir das experiências diversas de cada indivíduo. Esta teoria afirma que qualquer pessoa tem a possibilidade de aprender em qualquer lugar, com os mais variados dispositivos e plataformas.

“O esforço para melhorar a aprendizagem deve residir em colmatar o fosso que existe no acesso à informação, nas lacunas de conhecimento e nas desigualdades de aprendizagem. Em relação à teoria anterior, esta põe em relevo os aspetos sociais e humanos, nomeadamente a importância do conhecimento informal. Assim, para esta teoria, urge assumir uma nova cidadania, assente num novo contrato social em que a educação, o conhecimento e a aprendizagem sejam os elementos-chave” (Cardoso, 2013, p.232).

Em suma, acreditamos que para um ensino mais eficaz é necessário retirar o que de melhor há em cada uma das Cinco Teorias, adaptando-as e/ou conjugando-as de acordo com as aulas a serem lecionadas, bem como os alunos que se encontra diante de nós. Todas as Teorias fazem sentido e são essenciais no processo de ensino-aprendizagem, no entanto, cabe ao docente o papel de saber utilizá-las devidamente.

1.4. Métodos Pedagógicos

O principal objetivo dos professores é fazer com que os alunos aprendam a matéria de forma sequencial, independentemente da forma como o fazem. Desta forma, expõem-se os métodos que os docentes têm à sua disposição para conseguirem chegar ao aluno da melhor forma. É importante referir que cada

professor pode escolher o método que quer utilizar, conforme a matéria que for lecionar. Esta escolha, também, tem de ter em consideração a faixa etária dos alunos, nível de autonomia e grau de conhecimento de cada um, entre outros. O método expositivo apoia-se, fundamentalmente, na exposição oral feita pelo professor, no qual os alunos apenas participam para esclarecer algumas dúvidas que possam existir ou para clarificar algum conceito. Este método é usado essencialmente quando está a ser lecionada matéria nova, sendo utilizados outros métodos nas aulas seguintes. O papel do professor é essencial, uma vez que tem de planificar cuidadosamente e atempadamente. Este deverá começar por fazer uma síntese do que irá transmitir com uma cuidada sequência lógica. Os recursos utilizados são muitíssimo importantes, para tornarem a exposição atrativa. Segundo João Duque, citado por Cardoso (2013, p.162),

“Um bom professor é aquele que consegue levar o maior número de alunos a terem curiosidade pelo conhecimento, isto é, terem dúvidas, questionarem-se e querem saber mais sobre o assunto. A melhor técnica para se cativar o aluno para o conhecimento é contar uma história sem um final, ou seja, inacabada. É uma maneira de o aluno ficar com curiosidade e ficar a pensar como poderá ser esse final. Dar exemplos é de extrema importância, criar situações paralelas sentidas pelas pessoas”.

O método demonstrativo aparece, quase sempre, depois do método expositivo. Aqui, os alunos que demonstraram dificuldades em alguma parte da matéria, repetem-na, até a conseguirem apreender. Aqui o objetivo é que eles tirem o maior proveito da máxima “saber fazer”, e cabe ao professor auxiliar, sendo ao mesmo tempo dada autonomia a cada um. Também como refere Morgado (2010, p.31), “o docente [deve] ter uma formação que o prepare para, de acordo com os princípios da Escola Activa ser um interlocutor dos alunos, um auxiliador na sua aprendizagem e não um simples transmissor de conhecimento”.

No método interrogativo, o professor faz perguntas no sentido de fazer progredir a aquisição de conhecimentos. Ou seja, este método completa os outros dois e faz com que obtenha uma maior ligação entre professor-aluno. Uma forma fiável de colocar este método em prática é, por exemplo, a dinamização de um debate, onde o raciocínio, a memória e o espírito crítico são treinados em grande grupo. O método ativo consiste na colocação do aluno como centro das suas aprendizagens, uma vez que

“aprende-se tanto mais quanto maior for a oportunidade para aplicar os conhecimentos adquiridos. A formação dificilmente será eficaz quando só o formador tem um papel activo. (...) O grau de Interesse do formando aumenta

de a formação tiver em conta quem ele é, o que já sabe e o que necessita saber. Se assim for, então ele sentir-se-á motivado para dialogar, investigar, produzir trabalhos, confrontar as suas opiniões com as dos outros formandos. (...) É hoje indiscutível a importância dos métodos activos na formação, pois estes métodos permitem trazer para a formação a experiência pessoal e o formando aprende melhor se se sentir pessoalmente implicado na acção. Além destas vantagens, está provado que retemos: 10% do que lemos, 20% do que ouvimos, 30% do que vemos, 50% do que lemos e vemos, 70% do que dizemos e 70% do que fazemos e dizemos” (Expoente, 2007, p.47).

Considera-se, portanto, que, este seja o método mais adequado a colocar em prática, uma vez que o aluno passa a ser um sujeito ativo na construção dos conhecimentos.

Assim como as crianças,

“as pessoas em que o estilo ativo predomina, gostam de novas experiências, são de mente aberta, entusiasmadas por tarefas novas; são pessoas do aqui e do agora, que gostam de viver novas experiências. Seus dias estão cheios de atividades: em seguida ao desenvolvimento de uma atividade, já pensam em buscar outra. Gostam dos desafios que supõem novas experiências e não gostam de grandes prazos. São pessoas de grupos, que se envolvem com os assuntos dos demais e centram ao seu redor todas as atividades. Suas características são: animador, improvisador, descobridor, que se arrisca, espontâneo. Outras características secundárias são: criativo, aventureiro, renovador, inventor, vital, vive experiências, traz novidades, gera ideias, impetuoso, protagonista, chocante, inovador, conservador, líder, voluntarioso, divertido, participativo, competitivo, desejoso de aprender, solucionador de problemas e modificador” (Barros, 2013, p.55).

Mais uma vez acreditamos que todos os métodos pedagógicos acima estudados colocados devidamente em prática, sozinhos ou interligados, de acordo com a matéria a ser lecionada e com as características da turma, criam aulas eficazes, nas quais os alunos retiram maior proveito.

Sendo que existem diversos métodos pedagógicos, optamos por investigar apenas estes quatro, uma vez que são os mais utilizados na prática, tendo em conta a nossa experiência.

1.5. A Motivação, a Criatividade e a Relação Pedagógica Positiva

Como já foi referido ao longo da investigação, as aprendizagens são feitas e conseguidas através de vários fatores, alguns deles que remetem para as estratégias e recursos que são utilizados na consolidação de matérias, no leccionamento de conteúdos novos, na criação de um ambiente dentro da sala

de aula, propício a novas aprendizagens, entre outros. Consecutivamente, passaremos a explicitar três fatores que, a nosso entender, contribuem para a inovação destes mesmos recursos e estratégias, mas também das práticas pedagógicas.

“O desejo e vontade de aprender são talvez os mais importantes alicerces da aprendizagem e do desenvolvimento humano. A motivação produz não só melhor aprendizagem e desempenho, mas também mais confiança em si próprio e maior satisfação no trabalho (...) Os alunos motivados demonstram comportamentos e pensamentos que otimizam a aprendizagem e o desempenho, tais como tomar iniciativas, enfrentar o desafio ou utilizar estratégias de resolução de problemas” (Lemos, 2010, p. 193).

O motivo é aquilo que leva o ser humano a agir, a realizar qualquer coisa. Tudo aquilo que ele faz, faz por um motivo. Assim sendo, a motivação é aquilo que suscita e desperta interesse para realizar algo. Esta é importantíssima em todos os campos de atividades. Com motivação consegue-se que o aluno tenha interesse em aprender, ajudando-o a estabelecer objetivos pessoais e desenvolver concepções que favoreçam a responsabilização pessoal pelo sucesso do estudo. Segundo Balancho e Coelho (1994, p.21),

“Quando o aluno é solicitado por um estímulo que o interessa, reage favoravelmente a esse estímulo (...) A motivação não se completa senão quando o aluno encontra razão suficiente para o trabalho que realiza, quando lhe aprecia o valor e percebe que os seus esforços o levam à realização do ideal desejado”.

Antes de delinear e planificar uma aula, o professor tem de ter em conta que os alunos não aprendem todos ao mesmo ritmo e nem todos têm os mesmos interesses, porém se este os conhecer bem, tudo se torna mais fácil. Aliar os interesses do aluno (por exemplo, história preferida) à matéria a ser lecionada (seja ela qual for), irá tornar-se uma enorme fonte de motivação, na qual todos vão querer participar. Alunos motivados, segundo Skinner e Belmont, citados por Lemos (2010, p. 193), “exprimem também afetos positivos face à aprendizagem, como entusiasmo, curiosidade e interesse. Estes são os alunos que farão um percurso escolar mais longo, aprenderão mais e se sentirão melhor consigo mesmos”. Pelo contrário, alunos desmotivados demonstram comportamentos e pensamentos negativos, um estado passivo e depressivo, aborrecimento, desistem facilmente e evitam os objetivos que vão sendo propostos. Devemos aqui citar Estanqueiro (2012, p.68) que diz que “quando os professores se deparam com situações de indisciplina procuram despertar em cada aluno o

desejo de aprender e a vontade de estudar”. A motivação facilita o sucesso. Por sua vez, a conquista do sucesso reforça a motivação. Quando estão motivados, os alunos tendem a utilizar mais estratégias cognitivas e metacognitivas (estratégias que regularizam o processamento cognitivo, como o planejamento e monitorização), conseguindo desta forma um nível mais profundo de aprendizagem.

“A motivação dos alunos é um fator vital para a eficácia dentro da sala de aula e para a melhoria do processo de ensino-aprendizagem, usualmente assumida como um aspeto positivo e influenciadora do comportamento individual e do desempenho no trabalho. Cada professor está consciente da sua importância no estímulo da autoestima dos alunos, na obtenção de melhores resultados e na criação de interesse nas diferentes disciplinas que os alunos estudam na escola. A necessidade de diversificar e de levar até à sala de aula diferentes atividades e métodos, tendo em conta o feedback deixado por alunos, que por norma é muito positivo, leva-nos a apostar nestas estratégias” (Fernandez et al, 2016, p.26).

Creemos que neste ponto é também fulcral abordar a motivação intrínseca. Esta depende somente do sujeito, neste caso do aluno, e é determinada por fatores gerados internamente, ou seja, fatores que fazem com que a pessoa se mova em determinada direção, ou reaja e se comporte de uma determinada maneira. Estes fatores abrangem a responsabilidade, a autonomia, trabalho interessante, razão para desenvolver e utilizar competências, entre outros. Como refere Lemos (2010, p.207),

“O conceito de motivação intrínseca aplica-se ao sistema motivacional que sustenta a actividade que é realizada como um fim em si mesma, pelas características inerentes à própria actividade. O objetivo é realizar a actividade e não a obtenção de uma qualquer consequência exterior à actividade. (...) que caracteriza a actividade intrinsecamente motivada da seguinte forma: espírito e corpo totalmente absorvidos, concentração profunda, saber o que se quer fazer, ausência de preocupações com o insucesso, com a avaliação de si próprio ou com as preocupações habituais, sensação de que o tempo passa muito depressa”.

Os ambientes educacionais que apoiam a autonomia das crianças, facilitam este tipo de motivação. Estas por sua vez, motivadas internamente, para além de procurarem um sentimento de realização pessoal, aprendem pelo gosto de aprender.

“A criatividade é também um excelente antídoto contra a passividade, o aborrecimento, a falta de iniciativa e a desmotivação institucionalizada que existem nas escolas” (Balancho e Coelho, 1994, p.40).

É fundamental que as escolas e os professores criem um ambiente motivador, portanto a criatividade entra obrigatoriamente em ação. Esta, quando é colocada em prática nas suas diferentes formas, contém estruturas que fomentam a motivação. “Os professores competentes respeitam a diferença de aptidões dos alunos, diversificando as metodologias de ensino, os recursos utilizados e os instrumentos de avaliação das aprendizagens” (Estanqueiro, 2012, p.12). Por outras palavras, os professores que adotem um estilo criativo na elaboração dos seus recursos e que estimulem os interesses e necessidades dos alunos, a receptividade por parte dos alunos será, logo à partida, muito maior.

A criatividade alimenta-se da busca e experimentação, de comprovação de alternativas, de novidade e de originalidade. Podemos, assim, afirmar que a criatividade pressupõe uma grande quantia de motivação interior, por parte dos alunos.

Aliada à motivação e a criatividade está ainda a dinâmica. Para além das atividades serem motivadoras e criativas, tem de ser, obrigatoriamente, dinâmicas.

“Os alunos gostam de ação e de interagir com o meio. Os recursos didáticos podem ter várias vantagens: tornam a mensagem mais rigorosa e chamativa pois, em geral, desperta a atenção do aluno, ajudando-o, por esta via, a compreender melhor a temática” (Cardoso, 2013, p.170).

O contexto dentro de uma sala de aula deve igualmente funcionar como um grupo na qual o professor vai facilitar o bom funcionamento da dinâmica, assegurando a manutenção de uma "atmosfera aberta" e integradora de todos os participantes. Nesta situação, a dinâmica também se refere às trocas positivas entre professores e alunos, isto por sua vez, que leva a uma maior motivação.

“Cada aluno deve fazer as aprendizagens essenciais do seu nível de escolaridade, mas tem o direito de ser apoiado como pessoa diferente e única. Educar é ajudar o aluno a descobrir e desenvolver ao máximo as suas potencialidades, os seus pontos fortes” (Estanqueiro, 2012, p.13).

A nosso ver, para que os alunos alcancem o sucesso educativo, necessitam também de ter uma relação saudável e positiva com os seus professores. Acreditamos, plenamente, que quando as crianças se sentem à vontade nas suas salas de aula, tendem a ter menos receio de colocar questões ao professor ou em responder a perguntas postas pelo mesmo, e conseqüentemente sentem-

se muito mais capazes e confiantes para aprenderem conteúdos novos. Como refere Estrela (1994, p. 32),

“A relação pedagógica é o contacto interpessoal que se gera entre os intervenientes de uma situação pedagógica e o resultado desses contactos. Num sentido lato, a relação pedagógica abrange todos os intervenientes directos e indirectos do processo pedagógico: aluno-professor, professor-professor, professor-“staff”, aluno-funcionário, professores-pais...”.

Neste estudo, apenas abordamos a relação professor-aluno. Sabemos que existem vários aspetos que contribuem para a existência de uma relação pedagógica positiva, como tal iremos começar por falar da comunicação, que a nosso ver é a base que sustenta esta tão avultada relação. Passamos assim a citar Postic (1995, p.21) que afirma que,

“o professor e o aluno têm de estabelecer uma verdadeira transação, de modo a implicar o aluno na prossecução de um objetivo e a que ele saiba que pode contar com a ajuda do professor quando encontrar dificuldades. Trata-se de ver como se pode provocar no aluno a procura do conhecimento, como se pode levá-lo a encontrar um significado nessa procura, significado esse ligado ao seu desenvolvimento pessoal”.

Tal como este autor refere, é através da comunicação que o docente pode provocar e desafiar o aluno. Se o professor tiver à sua frente um aluno de excelência pode, através da comunicação, pedir mais dele. Pode e deve explorar todas as suas capacidades, procurando sempre ir mais além, levando-o ao limite, dentro das suas capacidades. Em situações como estas, acontecem os ditos jogos de palavras, em que há uma troca constante de perguntas e de respostas. Se pelo contrário tem um aluno com mais dificuldades, é também através da linguagem que vai explicando e explorando o conteúdo que está a ser trabalhado de diversas formas e da melhor forma possível, até que este entenda. Nas palavras de Gonçalves (2006, p.105),

“(...) o receptor nunca ouve exactamente o que o emissor diz, mas o que ele pensa que o emissor diz, ou seja, o receptor de uma qualquer mensagem interlocutiva apenas ouve o que for capaz de compreender. Caso contrário, perante a mesma mensagem, todos os alunos ouviriam o mesmo, todos entenderiam o mesmo e a dúvida, o erro e o insucesso escolar dariam lugar à certeza, ao êxito e ao sucesso permanentes e absolutos. O sentido faz-se no modo como o sujeito é capaz de interpretar os sinais que lhe são comunicados pelo seu interlocutor, num jogo de linguagem entre ambos e numa comunidade linguisticamente competente”.

A comunicação e o diálogo são fatores específicos através dos quais o professor fica a conhecer melhor a turma que está perante si. Face às conversas a que está exposto, este por vezes deve limitar-se a observar. Através das várias observações que vão sendo realizadas, o profissional de educação fica a perceber como pode chegar mais perto dos seus discentes, e também como pode e deve dialogar com cada um deles. A nosso entender, os professores, no seu dia a dia, têm sobretudo à sua frente três tipos de alunos, no que toca ao modo de comunicar: primeiramente os alunos que trazem consigo uma bagagem, um passado árduo. Se algumas crianças da turma tiveram uma infância mais pobre, mais infeliz, com problemas e com dificuldades, à partida são crianças mais frágeis. Em situações como estas, o docente tem de prestar uma especial atenção e um especial cuidado na forma como se dirige às mesmas. Quaisquer que sejam as circunstâncias, este tem de falar calmamente e em tons apropriados. Por exemplo, quando os alunos erram, a tendência dos docentes é ficarem aborrecidos, elevarem o tom de voz e falarem mais apressadamente. Ora, estas crianças de certo que não iriam reagir de forma positiva a estas reações. Uma vez que já são tão débeis, não precisam de repreensões tão severas. Pelo contrário, necessitam, e muito, de um diálogo motivador e encorajador, capaz de as levarem a seguir em frente, em busca das respostas corretas. Neste ponto, como podemos constatar, a relação pedagógica é posta à prova, pois só consegue ser realmente positiva se o primeiro caso não acontecer. Ou seja, se o docente e o discente forem portadores de uma relação pedagógica positiva o docente sabe que em caso algum iria abordar o discente em tons menos apropriados, uma vez que isso poderia trazer consequências graves para o mesmo, tanto a nível escolar, com a nível psicológico; por outro lado temos os alunos que provêm de um meio social e económico mais vasto, e que por isso são portadores de um vocabulário mais fraco e mais pobre. Embora sejamos da opinião de que o corpo docente deve utilizar uma linguagem cuidada e instruída, por vezes o tempo é fulcral. Fulcral na medida em que um professor não pode chegar simplesmente a uma turma, sabendo o meio social e económico onde se insere, e fazer, por exemplo, a sua apresentação, utilizando um vocabulário caro. Primeiramente, os alunos não iriam entender o discurso preferido pelo professor, por mais que este produzisse um discurso brilhante. Iriam sim, sentir falta de empatia com o mesmo, que a

nosso ver é importante, pois as primeiras impressões são, deveras, importantes. Se as crianças não se sentem desafiadas, nem cativadas logo na primeira aula, as aulas seguintes serão, certamente, mais desmotivantes para as mesmas. Nestas circunstâncias pensamos que o professor tem de iniciar o período letivo por utilizar uma linguagem mais simples e mais fácil, acessível a todos. E à medida que o tempo vai passando, vai utilizando termos mais eruditos. Estes embora sejam importantíssimos no desenvolvimento das capacidades dos alunos, não fazem sentido serem utilizados quando estes não estão capacitados para tal; por último, mas não menos importante, temos os alunos, que ao contrário dos anteriores, provêm de um meio social e económico mais elevado. À partida, nestas circunstâncias, as crianças são portadoras de um vocabulário rico, por isso os docentes têm de ter um especial cuidado à linguagem que utilizam: primeiro porque a manutenção de um discurso transparente e acessível não irá estimular as crianças em causa para que estas estendam progressivamente a sua área vocabular; e em segundo porque se utilizam uma linguagem demasiado desleixada, correm o risco de perder a atenção e o respeito da turma. Embora, para nós, a comunicação seja um fator importantíssimo na construção de uma relação pedagógica positiva, a partir do momento em que é posta em prática com todos estes alertas e cuidados, esta continua a ser um grande problema nas salas de aula. Segundo Altet (2000, p106),

“Trata-se de um problema linguístico de compreensão de enunciados, de vocabulário não compreendido, de termos técnicos novos, de expressões científicas desconhecidas, de uma linguagem demasiado elaborada ou estranha ao aluno (...) o professor não se ajusta, não faz um esforço para verificar a compreensão que suscita, nos alunos, as mensagens que emite. Há um problema de desvio de registo de formulação ou de saber”.

Ouvir: outro aspeto essencial que fomenta uma relação pedagógica positiva. Acreditamos que a “comunicação” é melhor sucedida quando a esta se junta o “ouvir”. Por mais que a primeira seja próxima dos alunos, o docente tem de lhes dar igualmente voz, tem de saber e conseguir ouvir. Muitas das vezes nem se tratam de dúvidas da matéria lecionada, mas sim do que lhes vai na alma: o porquê de estarem tristes ou distraídos, o porquê de terem reagido desta ou daquela maneira àquela situação, o porquê de estarem com sono ou desatentos. Tudo acontece por uma razão, e as crianças não são exceção.

Sendo que há vezes que vão para a escola contrariadas, porque naquele dia não lhes apetece ir, há dias em que estão particularmente estranharas, diferentes. Embora, aqui o docente estabeleça, à partida, um diálogo com elas, precisa de as ouvir, e em contrapartida, as crianças precisam de saber que podem ser ouvidas, e talvez compreendidas e ajudadas, independentemente de quais forem os seus problemas. Não há nada mais reconfortante para uma criança, do que saber que está ali alguém, disposto a ajudá-la. Porém, há casos e casos. Por vezes os docentes têm conhecimento do que se passa na vida da criança, mas outras vezes não. Como refere Postic (1995, p.23),

“é necessário que o professor adquira uma verdadeira capacidade de ouvir o aluno, uma capacidade de resposta às necessidades que este sente de ser conhecido e apoiado. Isto pressupõe que ele manifeste, pelo seu comportamento, uma confiança real nas possibilidades do aluno, que o ajude a construir uma nova imagem de si próprio (...) Conhecer o aluno e saber aquilo que afecta o seu comportamento, não poderá isso significar que o professor corre o risco de ser levado para fora do domínio escolar,(...) É através do objetivo da aprendizagem e através do caminho da apropriação, pelo aluno, de um conteúdo e de um método que o professor pode agir. O aluno necessita de se sentir guiado, sem ser manobrado, necessita de saber que tem meios para andar sozinho (não estar na situação de alguém que é assistido, mas numa situação autónoma). O apoio técnico fundamenta o apoio afectivo, sem que isso signifique a invasão intempestiva da vida privada do aluno”.

Os alunos têm uma necessidade fundamental de proteção, de confiança, e de apoio, no desenvolvimento do seu “eu”, e é através da “comunicação” e do “ouvir” que os professores vão poder ajudá-los. Se forem capazes, é sinal que a relação pedagógica é positiva e deveras saudável para ambos.

Para além da comunicação e do ouvir, achamos essencial abordar o reforço positivo e a afetividade. Tal como cremos que não podemos falar de relação pedagógica positiva sem falarmos da comunicação e do ouvir, também não podemos falar da mesma sem abordarmos estes dois pontos. Estes que também vêm ao encontro da motivação e da comunicação, que já foram abordadas anteriormente.

O reforço positivo é um estímulo utilizado pelos docentes, que pode ser colocado em prática em duas situações distintas: a primeira situação é quando o aluno erra. Como já foi referido anteriormente, a tendência dos professores em situações como esta é chamar atenção, repreender e elevar o tom de voz. Se pelo contrário, o professor chegar perto da criança, falar calmamente, também como já foi referido ao longo do relatório, e incentivá-la a tentar de novo e a não

desistir, esta irá sentir-se muito mais confiante. Aqui o afeto também se alia ao reforço, uma vez que se o docente reconfortar a criança, passando a mão pelas costas, por exemplo, esta vai sentir-se ainda mais capaz e acima de tudo segura; a segunda situação acontece quando os alunos conseguem resolver de forma correta os exercícios propostos pelo docente. As palavras de felicitação e os elogios não devem ser poupados. Os apertos de mão, os *give me five*, o passar a mão pelas costas, também se tornam uns excelentes reforços positivos, quando aplicados no momento certo. Neste aspeto, a motivação aleia-se ao afeto, que também muitas vezes é preciso nas salas de aula. Parafraseando Altet (2000, p.107),

“O clima motivacional e afectivo, criado pelo professor na turma, provém da sua percepção, das representações que ele tem dos alunos, da aceitação, da consideração, das qualidades relacionais que demonstra à turma (...) Uma relação de simpatia, de empatia, de confiança, de interesse pelos alunos é valorizada pelo aluno e constitui “uma condição para um verdadeiro diálogo professor-alunos(...) a presença de sinais de afetividade positiva, de aceitação das ideias e dos sentimentos dos alunos, de compreensão dos seus esforços, favorece “uma autêntica dialéctica pedagógica” e o sucesso da aprendizagem. Uma expressão da afetividade do professor reduzida, ou até mesmo negativa, cria comportamentos dependentes, submissos, passivos, receosos(...)”.

Portanto, quando o professor cria uma relação pedagógica positiva com os seus alunos, os resultados das aprendizagens são mais positivos, pois verifica-se, tal como refere Ribeiro (2010, p.404) “mais motivação para preparar os trabalhos, mais satisfação e alegria, mais interesse pelos estudos e para o sucesso escolar seja alcançado”. Os alunos também se sentem muito mais desinibidos e apoiados.

Também o clima dentro da sala de aula é crucial, uma vez que as crianças têm de se sentir acolhidas, para tudo o resto acontecer. Tal como menciona Arends (1995, p.112),

“Um clima positivo é aquele em que os alunos têm expectativas de que cada um irá dar o seu melhor intelectualmente e se apoiem mutuamente; onde os alunos partilham elevado grau de influência potencial, tanto uns com os outros como com o professor; em que níveis elevados de atração existem, para o grupo como um todo e entre colegas; em que as normas favorecem a realização do trabalho escolar, bem como maximizam as diferenças individuais; onde a comunicação é aberta e caracterizada pelo diálogo; e onde os processos de trabalhar e desenvolver-se em conjunto, enquanto grupo, são considerados, eles mesmos, relevantes para serem estudados (...)Os climas de sala de aula positivos são criados pelos professores quando ensinam aos alunos importantes competências interpessoais e de processos grupais e quando ajudam a turma a desenvolver-se enquanto grupo”.

E ainda como refere mais à frente (1995, p.116),

“(...) salas de aula enquanto complexos sistemas sociais e ecológicos onde os comportamentos dos alunos e dos professores resultam das interações entre as necessidades individuais e os papéis sociais. O clima criado nas salas de aula em resultado desta interação, nos dois sentidos, ajuda a determinar o grau de cooperação e envolvimento do aluno na aprendizagem (...) É a maneira como processos e estruturas são desenvolvidas e mantidas pelos professores que determina se um ambiente de sala de aula vai ser ou não produtivo (...) ambientes caracterizados pelo respeito mútuo, padrões elevados e uma atitude atenta levam a uma maior persistência dos alunos do que outros ambientes”.

Em suma, estes três fatores juntos transformam, no nosso ponto de vista, aulas ditas “normais” em aulas significativas, porque os alunos ficarão mais predispostos a aprenderem, a aprenderem com maior facilidade e ao mesmo tempo mais felizes. Certamente que estas aulas serão recordadas mais tarde e certamente que os alunos ainda lembrar-se-ão do que aprenderam, pois quando algo é significativo há uma retenção de conteúdos muito maior. E, a memória mais tarde relembra-lhes-á o que aprenderam em tal dia, e como aprenderam. Tal como refere Marques (2010, p.187), acerca do seu estudo sobre a Memória e Aprendizagem Escolar,

“Estes resultados estão directamente relacionados com o efeito do nível de aquisição na retenção e prendem-se em primeiro lugar com a própria compreensão do material a ser adquirido. Desde as primeiras experiências sobre memória de materiais simples se sabe que o significado é um factor determinante na recordação (...) e este aspecto também é crucial nas aprendizagens de material mais complexo”.

Portanto, acreditamos que se estes três fatores existirem na sua plenitude dentro das salas de aulas, os alunos, para além de se tornarem crianças muito mais felizes, confiantes e capazes, estão, conseqüentemente, mais predispostos a aprenderem conteúdos novos.

II. Metodologias de Investigação

Depois de um enquadramento teórico, no qual se insere toda a contextualização e fundamentação teórica deste trabalho, e o esclarecimento dos objetivos desta investigação, segue-se a vez de por em prática tudo o que anteriormente foi referido, de forma a investigar mais sobre este caminho, que em parte ainda é nosso desconhecido. Esta investigação não tem como principal objetivo encontrar modelos perfeitos ou práticas infalíveis, mas sim construir um processo que ajude os nossos alunos a alcançarem mais facilmente o sucesso (educativo). Por outras palavras, o foco de atenção deste relatório de investigação é definir um percurso de ensino, investigativo e estratégico, de forma a obtermos melhores resultados nas nossas escolas, nomeadamente em contexto de 1.º CEB. Portanto, apresentaremos uma proposta de intervenção que está associada essencialmente as estratégias, recursos e instrumentos que utilizamos durante a prática de ensino supervisionada ao longo do corrente ano letivo.

2. Tipo de Estudo

As metodologias de investigação em educação são normalmente definidas como qualitativas ou quantitativas, variando consoante os dados recolhidos e o modo como estes são analisados. Como tal, iremos optar pela metodologia de investigação qualitativa, uma vez que é o método mais apropriado para este trabalho de investigação em educação, onde as amostras são relativamente pequenas, e a população e o conjunto de elementos inseridos usufruem características comuns. Assim sendo, é necessária uma boa observação do grupo de alunos para que a investigação seja fiável e credível.

Tal como refere Bogdan e Biklen (1994, p.16),

“o estudo qualitativo é um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação que partilham determinadas características. Os dados recolhidos são designados por qualitativos, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico”.

Também Bell (1997, p.20) afirma que os “investigadores que adoptam uma perspetiva qualitativa estão mais interessados em compreender as percepções

individuais do mundo. Procuram compreensão em vez de análise estatística”. Em síntese, a investigação qualitativa ajuda os investigadores a compreenderem melhor as ações, no ambiente habitual da ocorrência.

2.1 Participantes no Estudo

No delineamento deste estudo, achamos primordial questionar os alunos do curso de Mestrado de Formação de Professores da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti acerca das suas posições perante a temática subjacente ao tema desta investigação: Motivação, Criatividade e Relação Pedagógica Positiva. Este inquérito, bem como a experiência formativa de estágio em 1.º Ciclo do Ensino Básico, foram o ponto de partida para tudo o resto, incluindo a prática pedagógica.

Este estudo conta, também, com a participação de um grupo do 3.º ano do 1.º CEB. O mesmo é constituído por vinte e dois alunos, catorze do sexo feminino e oito do sexo masculino, todos eles com idades compreendidas entre os oito e nove anos de idade. No capítulo da intervenção educativa, encontra-se uma descrição mais pormenorizada do contexto educativo e da turma.

A observação e intervenção foi realizada durante dois semestres, o que equivale aproximadamente a um ano letivo no 1.º CEB e, contou com a participação direta da estagiária e professora cooperante e com a participação indireta de toda a comunidade educativa.

2.2 Instrumentos de Recolha e Tratamento de Dados

De forma a dar início ao nosso estudo e, como já foi referido, elaboramos um inquérito por questionário, aos alunos de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB e aos alunos de Mestrado em Ensino do 1.º CEB e de Português, História e Geografia de Portugal, no 2.º Ciclo do Ensino Básico, da Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti (ver anexo I), com o objetivo primordial de conhecer as diversas opiniões sobre esta temática, uma vez que muito brevemente encontram-se aptos para lecionarem. A nosso entender, será interessante comparar os diferentes pontos de vista, uma vez que o que para

nós é essencial, para os inquiridos pode não ser, ou simplesmente ser indiferente.

“O inquérito por questionário, consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou social, profissional ou familiar; às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse aos investigadores (Quivy & Campenhoudt, 1998, p.188)”.

Este tipo de método permite-nos então analisar uma temática que julgamos poder apreender mais e melhor, a partir de informações relativas à população em questão, tal como já foi referido acima.

Para além do inquérito por questionário, a observação direta foi outro método utilizado, que nos permitiu verificar se o grupo adquiriu ou não, os conteúdos lecionados.

Referindo Eusébio Machado (2011, p.88),

“A observação da aula não deve ser casual ou informal, mas sustentada por objetivos específicos, critérios pré-definidos de observação e feita através de instrumentos de registo acordados e partilhados. Segundo Cateano (2008), um instrumento é um meio que não vale por si próprio, mas, sim, dentro de uma estratégia que visa tornar intelegível a realidade”.

2.3 Análise dos dados de investigação provenientes do inquérito por questionário

O presente inquérito foi realizado online, através do Google Documentos e é composto, para além de uma parte introdutória, por seis perguntas de resposta aberta acerca das temáticas a serem estudadas (Sucesso Educativo, Motivação, Criatividade e Relação Pedagógica Positiva), e três de preenchimento a partir de uma tabela, tendo em conta uma escala descritiva e nominal: Discordo Totalmente; Discordo; Não concordo, Nem Discordo; Concordo; Concordo Totalmente.

A primeira parte do Inquérito remete para a Caracterização Pessoal da população inquirida, que a nosso entender é essencial para este estudo. Sendo que as turmas inquiridas têm, em conjunto, aproximadamente quarenta alunos, o número total de respostas obtidas foi de trinta (o que para nós já é um número significativo, uma vez que mais de metade se disponibilizou a responder).

Dos trinta inquiridos, vinte e nove são do sexo feminino e um do sexo masculino e as idades dos mesmos estão compreendidas entre os vinte e dois e os quarenta anos de idade. No entanto, os vinte e três anos é a idade predominante. Será, também, importante referir que vinte e três dos inquiridos encontra-se inscrito no Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º CEB e os restante sete, no Mestrado em Ensino do 1.º CEB e de Português, História e Geografia de Portugal, no 2.º CEB.

A segunda parte do inquérito refere-se ao Sucesso Educativo, uma vez que todo o Relatório de Estágio pretende compreender o modo como a Motivação, a Criatividade e a Relação Pedagógica Positiva contribuem para a aprendizagem efetiva dos alunos. Todavia é fundamental perceber primeiro, se os inquiridos sabem o que é o Sucesso Educativo. Portanto, esta mesma parte inicia com a pergunta de resposta aberta “O que entende por sucesso Educativo?”.

Considerando as várias repostas obtidas, podemos “agrupá-las”, essencialmente, em quatro grupos distintos: no primeiro grupo, os inquiridos acreditam que o Sucesso Educativo é apenas conseguido pelos alunos, ou seja, só eles estão envolvidos no processo de ensino-aprendizagem e só eles é que merecem ou não o mérito pelas conquistas feitas. Aqui enquadram-se respostas como estas: “os alunos conseguirem alcançar os objetivos traçados para as aulas, tendo sempre em atenção as dificuldades, capacidades e ritmos dos mesmos”; “sucesso educativo é quando os alunos adquirem bons resultados”; “Sucesso Educativo só é possível quando a criança desenvolve aprendizagens significativas”; “o aluno sentir que atingiu os objetivos pretendidos”; “quando o aluno realiza o seu percurso escolar com maior ou menos dificuldade”.

No segundo grupo, o grupo de inquiridos já acredita que o Sucesso Educativo é conseguido através de vários fatores. Neste ponto encontramos respostas como: “o Sucesso Educativo é o culminar de algumas componentes que envolvem, por exemplo, o ambiente vivenciado, na escola, todas as relações educativas, envolvência dos docentes, a ação pedagógica e o foco destes, entre outros”; “Sucesso Educativo existe quando existe esforço, dedicação, amor, conhecimento entre outros, da escola, dos alunos, das famílias e da comunidade em que estão inseridos”.

Já no terceiro grupo, os inquiridos focam-se somente nos resultados obtidos pelas crianças, embora alguns elementos refiram a importância da família, da

escola, entre outros, na conquista dos mesmos: “o Sucesso Educativo depreende-se com os resultados finais de cada aluno influenciados não só pela escola, mas também pelas famílias e pela comunidade que os rodeia”; “o Sucesso Educativo é quando os alunos adquirem bons resultados”.

Por último, temos o grupo de respostas que a nosso ver, os inquiridos ou não sabem o significado preciso de Sucesso Educativo, ou confundem-no com Sucesso Escolar: “na minha opinião, Sucesso Educativo é a aquisição de conhecimentos de forma significativa e prazerosa”; “o sucesso educativo/sucesso escolar não é uma definição. Existem é vários fatores para chegar a esse tal sucesso... não cabe só aos professores, arranjam várias metodologias para que os alunos cheguem ao sucesso, os alunos, a família, a escola também precisam de se envolver para que exista um sucesso educativo”; “o sucesso educativo é o resultado de uma boa relação entre aluno e professor e ainda, do trabalho realizado por ambos”; “sucesso educativo é a relação construída ao longo do processo ensino-aprendizagem, juntamente com estratégias motivacionais”; “sucesso educativo é um estado ou um nível que se pretende atingir. O sucesso educativo engloba o desenvolvimento de inúmeras competências que abrange não só o domínio cognitivo, mas também o domínio social e ético. Posto isto, só é possível atingir o sucesso quando o aluno, tem em conta os objetivos traçados e as suas características pessoais, supera as suas dificuldades e vê reconhecido o seu mérito e empenho”.

Sendo que o Sucesso Educativo, de forma sucinta, depende do trabalho em equipa entre a escola, o professor e a família para que o aluno se sinta apoiado, feliz, motivado e incluído no seu percurso académico, cremos que nenhum dos inquiridos tem este “conceito” explícito, preciso e estruturado, embora alguns se aproximem. Também há uma confusão constante entre Sucesso Educativo e Sucesso Escolar. Este último sim, refere-se somente aos resultados obtidos pelas crianças. Tudo isto, também é visível, tendo em conta os resultados do inquérito por questionário.

Ainda na segunda parte do inquérito disponibilizamos uma tabela com várias definições acerca do Sucesso Educativo, de modo a os inquiridos preencherem-na conforme as suas opiniões. Estas definições, embora estejam incompletas, serviram de marco, para haver uma maior exploração do tema. Face aos resultados obtidos, como podemos observar no Gráfico I, não há conformidade

nem uma relação entre as respostas obtidas neste gráfico, com as respostas obtidas na questão anterior. Se na pergunta anterior as respostas estiveram direcionadas para os resultados dos alunos, e que o Sucesso Educativo era conseguido somente através deles, e por vezes com o apoio do docente, com este gráfico podemos constatar há falta de concordância, em diversas situações: na primeira afirmação, dezoito dos inquiridos discordou totalmente da afirmação sendo que anteriormente esta foi a resposta mais dada; na segunda afirmação, apenas seis inquiridos concordaram com a mesma, esta que por sua vez, também foi referida inúmeras vezes na questão anterior; na terceira afirmação, mais de metade da população inquirida concordaram totalmente com a afirmação, no entanto na questão anterior quase ninguém referiu “ou outros fatores”; na quarta afirmação vinte e oito dos inquiridos concordou e concordou totalmente com a afirmação. Porém, na questão anterior, só duas pessoas é que explicitaram a importância do papel do docente, para o alcance do sucesso educativo; na quinta questão, um dos inquiridos discordou totalmente e outro nem concordou, nem discordou o que prova a falta de conhecimento acerca desta temática, e os restantes vinte e oito concordaram e concordaram totalmente. No entanto, na questão anterior só três pessoas é que referenciaram a família; na sexta e sétima pergunta, os resultados obtidos não foram surpreendentes, uma vez que os diferentes ritmos de aprendizagem foram assinalados, bem ou mal, na questão anterior; na última afirmação, a maioria da população inquirida concordou totalmente com a afirmação. Porém, na questão anterior apenas três pessoas é que referenciaram de alguma forma estes três fatores.

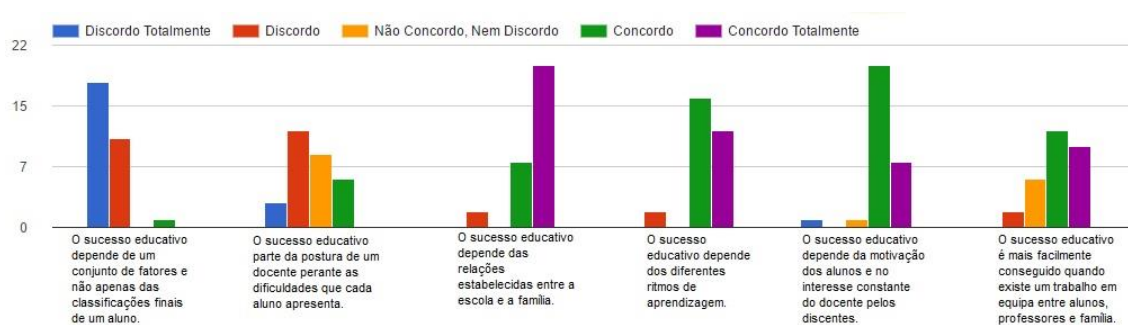


Gráfico I- Opiniões acerca do Sucesso Educativo, segundo as afirmações fornecidas

A terceira parte do inquérito destina-se à Motivação. Assim sendo, iniciamos esta parte por questionar a população acerca do que entendem por este tema. Sendo que mais de metade das repostas remetem para o aluno e para a vontade

intrínseca, entusiasmo, curiosidade, interesse, integração e predisposição para aprender, por parte deste, ou das estratégias utilizadas na sala de aula, que devem ser diferentes e cativantes, salientamos, embora concordássemos com tudo o que foi mencionado, repostas que a nosso entender marcaram a diferença pela positiva, uma vez que não incluíram somente o aluno: “Estratégias que o professor utiliza na sala de aula, cativando o interesse dos alunos no processo de ensino-aprendizagem, deste modo estes irão sentir-se mais motivados na aprendizagem”; “a palavra motivação é agora usada muitas vezes tanto quando existe sucesso escolar e quando não existe. Mas a motivação é algo que o professor, a escola e os pais devem promover a partir de uma diversidade de processos pedagógicos”; “a motivação está presente quando o professor está motivado por aquilo que faz. Só assim é possível as crianças se sentirem motivadas”; “motivação depende do trabalho executado pelos docentes. São eles que devem perceber os interesses dos alunos e procurar encaminhar todo o trabalho executado em sala, de acordo com as mesmas informações”; “motivação é quando o docente dá todo o feedback possível e necessário para que o aluno continue a construir o seu conhecimento com entusiasmo e não de forma monótona”. Como se pode constatar, embora todos os inquiridos definissem explicitamente o que é a Motivação, este pequeno grupo teve o especial cuidado em integrar o docente nesta temática. O que a nosso entender faz todo o sentido, uma vez que para os alunos estarem motivados dentro das salas de aula, tem de haver, obrigatoriamente, um trabalho por de trás, por parte do professor. Conhecer bem a turma, planificar de acordo com as dificuldades e interesses dos alunos, arranjar diversos instrumentos e estratégias, entre outros, criará, nos alunos uma maior motivação para aprender e nos professores uma maior motivação para ensinar.

Depois da pergunta introdutória, segue-se a vez de mais uma tabela com várias definições acerca deste tema. Mais uma vez, houve respostas que criaram uma certa incoerência. No entanto, pretendemos analisar todo o Gráfico II. Na primeira afirmação, sendo que vinte e duas pessoas concordaram e concordaram totalmente com a afirmação, oito pessoas discordaram e não concordaram, nem discordaram. Logo aqui deparamo-nos com a ausência de coerência, uma vez na questão anterior todos os inquiridos referiram que o motivo era aquilo que fazia os alunos terem vontade, entre outros, para aprender

matérias e conteúdos novos. Na segunda e na terceira afirmação, todos os inquiridos concordaram e concordaram totalmente, o que mostra rigor e coerência nas respostas fornecidas anteriormente, com as presentes. Na quarta e quinta afirmação, voltamos a constatar a falta de coerência por parte de três pessoas, que responderam que não concordavam e que nem concordavam nem discordavam. No nosso ponto de vista, estas três respostas não fazem sentido, uma vez que os interesses das crianças, e o fator da motivação ser importante no alcance do Sucesso Educativo, foram dois dos pontos mais abordados na pergunta anterior, como já foi referido. No que concerne à última afirmação, esta foi a que obteve mais variedade de respostas. Catorze dos inquiridos concordou com a afirmação, o que indica mais uma vez a falta de coerência, pois ninguém referiu a possibilidade de entrave na questão anterior. No entanto a maioria defende o nosso ponto de vista, e acredita que a Motivação não é um entrave na promoção do Sucesso Educativo.

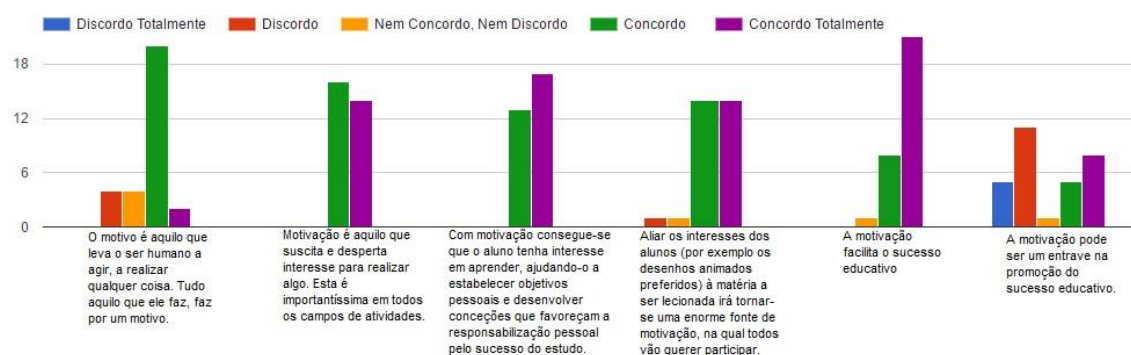


Gráfico II- Opiniões acerca da Motivação, segundo as afirmações fornecidas

Ainda sobre a Motivação, e de modo a finalizar a terceira parte do inquérito, questionamos a população acerca da importância deste fator no alcance do Sucesso Educativo, e se sim, como o punha em prática. Apenas dois inquiridos afirmaram que não. Acreditamos que são os mesmos que responderam que a Motivação não facilita o Sucesso Educativo, e que pode ainda ser um entrave para tal. Posteriormente, os restantes inquiridos responderam afirmativamente, mencionando sobretudo os interesses das crianças, como fonte de Motivação. Todavia salientamos uma série de respostas, que na nossa opinião foram mais além, de acordo com aquilo que pretendíamos, e que contribuíram positivamente para este estudo: “o facto de o professor utilizar critérios motivadores tendo em conta os interesses das crianças, como foi referido, por exemplo, utilizando os desenhos animados

preferidos das mesmas, leva a que estas se motivem e criem empatia com o professor. Automaticamente, ambos ficam interligados. No caso da prática, tentaria estudar tudo o que motiva os meus alunos, de forma a conseguir adaptar os seus gostos e interesses, às minhas aulas”; “a motivação é essencial no processo educativo. Tentaria chegar aos meus alunos através de situações que representassem um significado útil, de forma a envolve-los totalmente no processo de ensino-aprendizagem”; “reforçando positivamente o trabalho dos alunos”; “acho fundamental conciliarmos o interesse dos alunos à aprendizagem”; “julgo que sim. Pela experiência que temos vindo a adquirir e as conclusões de algumas leituras feitas permitem-me afirmar que os alunos motivados potenciam o alcance do sucesso educativo. Se os alunos se sentem envolvidos e participantes no processo ensino-aprendizagem, então é evidente que as atividades são significativas para eles e o sucesso é mais facilmente alcançável. Contudo a motivação tem de ser devidamente pensada, sempre com objetivos muito concretos, uma vez que a motivação pressupõe sempre a preparação para uma aprendizagem. Motivar os alunos apenas com o intuito de os deixar felizes descredibiliza a intenção de motivar para promover mais conhecimento e desenvolvimento”.

Na quarta parte do inquérito, pretendemos perceber o que é que o grupo de inquiridos sabe acerca do tema criatividade. Por isso, iniciamos esta parte por colocar uma questão de resposta aberta, sobre o que entendem pelo conceito. No que diz respeito a esta pergunta, todas as respostas estão em torno da imaginação e da capacidade em criar algo novo e diferente, capaz de captar a atenção das crianças. Ainda assim, apresentamos, de seguida, as respostas que, a nosso entender, são mais rigorosas, precisas, e que vão ao encontro do pretendido: “a criatividade é uma capacidade humana. Falando em criatividade em sala de aula, esta tem que estar relacionada com a pedagogia, porque a mesma faz com que os alunos questionem e reflitam, aprendendo ao mesmo tempo com prazer. Logo, a criatividade leva ao progresso, por isso se a escola não investir na criatividade, não acompanha a evolução das coisas que estão fora dela”; “a criatividade agiliza o raciocínio, deixa-nos despertos para o que nos rodeia e envolve-nos mais nos projetos, criando assim uma maior motivação.”, “A criatividade é uma capacidade humana que leva as pessoas a desenvolverem os seus projetos e atividades com empenho e interesse”.

De seguida, apresentamos, mais uma vez, uma tabela com várias definições, onde os inquiridos tiveram de expressar a sua opinião, tal como mostra o Gráfico III. Face à primeira, à segunda e à terceira definição, podemos constatar que existe um grupo pequeno de inquiridos (quatro na primeira, três na segunda e dois na terceira) que discordam totalmente, não concordam e não concordam, nem discordam. Partindo do pressuposto que nas respostas acima proferidas, nenhuma das pessoas referiu tais factos, inclusive todo o grupo mencionou estas definições com as mesmas ou com outras palavras, questionamo-nos acerca da exatidão das respostas, pois mais uma vez é notória a falta de coerência, ainda que seja de um grupo insignificante. Na quarta e quinta afirmação praticamente todos os inquiridos responderam que concordaram e que concordam totalmente, o que foi do nosso agrado pois ambas as definições vão ao encontro do nosso estudo. Na sexta e sétima definição, mais precisamente na sétima, houve uma maior discrepância nas respostas. Embora acreditemos que a primeira afirmação é totalmente verdade e que a segunda é totalmente mentira, a maioria do grupo de inquiridos não pensa da mesma forma. Acreditamos que tais respostas se devem à falta de conhecimento acerca do tema e também à inexistência do mesmo na prática pedagógica. O que também comprova tal acontecimento, são as respostas muito amplas à primeira pergunta deste grupo.

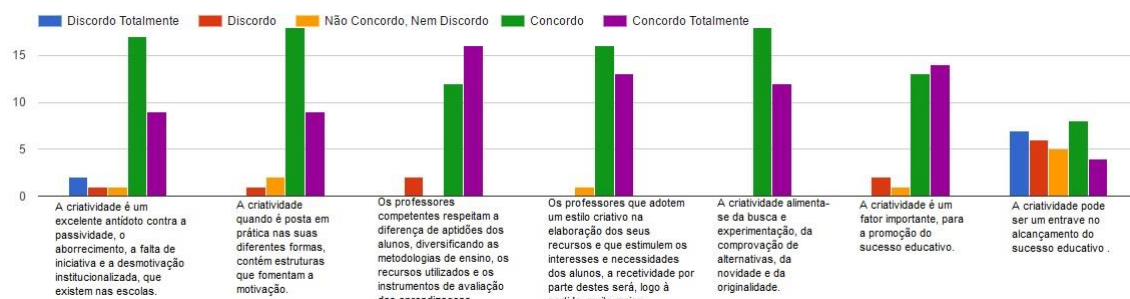


Gráfico III- Opiniões acerca da Criatividade, segundo as afirmações fornecidas

Na parte final deste tema, questionamos os inquiridos acerca da importância do mesmo para a promoção do sucesso educativo e de como o colocam em prática. Vinte e sete pessoas responderam que sim, que realmente a criatividade é importante para a promoção do sucesso educativo. Abordam sobretudo as atividades ditas diferentes e que motivam as crianças, dos recursos utilizados e do planeamento das aulas. Citamos ainda as repostas mais completas, e que a nosso entender fazem todo o sentido neste estudo: “Sim, claro. Porque como já referi em cima, senão se investir na criatividade, os professores não

acompanham o desenvolvimento de certas coisas de fora da escola. Também é importante, porque a criança de hoje convive com um mundo que tem muito estímulo, então a escola não pode ficar atrás. Ela tem que proporcionar momentos de criatividade, estimular mesmo essa criatividade da criança para, que esta tenha interesse em participar. Eu punha em prática usando atividades das rotinas dos alunos; utilizava materiais que chamassem a atenção do aluno; respeitava o estilo de aprendizagem de cada aluno; usava músicas, jogos educativos, jornais, revistas, acontecimentos atuais e atividades lúdicas; valorizava a opinião dos alunos”; “quanto maior for a criatividade do docente, maior será o interesse da criança. A partir do momento em que a criança fica interessada por determinada atividade, automaticamente irá participar e tirar maior partido da mesma, o que melhorará os seus conhecimentos e consecutivamente levará ao seu sucesso educativo”; “claro que sim, tal como já se referiu nas questões anteriores. A criatividade está inteiramente ligada ao professor, no sentido em que este deve procurar diversas formas de motivar os alunos para as aprendizagens. Como tal, recorrem à sua criatividade.”, “É importante aliar os fatores criatividade e motivação, para promover o sucesso educativo. Para tal recorria à criatividade, pois seria certamente mais fácil de ganhar a motivação”. As restantes três pessoas afirmaram que não dão importância a esta temática, pois acreditam que a mesma não influencia o Sucesso Educativo.

A quinta e última parte do inquérito refere-se à Relação Pedagógica Positiva, mais precisamente o que é que o grupo de inquiridos conhece acerca deste tema. Mais uma vez existe uma certa homogeneidade nas respostas. A maioria delas aborda o clima favorável e harmonioso que deve existir dentro das salas de aula e a relação baseada em empatia, proximidade e respeito entre professor-aluno. No entanto, reforçamos mais uma vez, duas respostas que no nosso ponto de vista estão mais completas e que vão ao encontro do nosso estudo: “Pessoalmente, Relação Pedagógica Positiva é aquela em que o professor e o aluno se respeitam mutuamente. O aluno pode ver o professor como um amigo e como uma pessoa que o ajuda sempre que necessita. No entanto, tem de compreender que é ele que o educa e por isso tem de existir essa diferenciação, para não atuar com o professor da mesma forma como faz com um amigo. Por outro lado, o professor tem de ver o aluno como um ser único e não generalizar.

Deve tratar as crianças, tendo em conta as suas necessidades”; “é a relação que o professor mantém com o aluno. Se o apoia nas suas dificuldades, se o felicita quando ele alcança os seus objetivos, se dá oportunidade para que ele tenha uma posição crítica perante o seu processo de ensino, se dá oportunidade de ele se expressar, não estagnando o seu conhecimento e o seu momento de pesquisar. Observar e ver os erros, amparando-os e guiando-os até ao sucesso educativo”. No entanto, houve uma única resposta, em que o inquirido afirmou que não se sentia capaz de responder à questão. Face ao exposto, observamos que este tema que a nós nos diz tanto, a esta pessoa, pelo contrário, não diz nada, uma vez que não tem o conhecimento suficiente para responder. Talvez seja ainda um campo por explorar.

Face à análise pormenorizada e detalhada deste inquérito podemos tirar essencialmente três conclusões: a primeira, embora não seja relevante, remete para a falta de profissionalismo por parte dos inquiridos, uma vez que houve falta de coerência em alguma das respostas; a segunda remete para a ausência de conceitos precisos acerca dos temas em questão. Para além de uma confusão entre termos, parte dos inquiridos tem ideias muito superficiais acerca dos mesmos. Talvez este facto se deva à falta de interesse, sobre os mesmos; a terceira é que para além do que foi dito anteriormente, a maioria das pessoas inquiridas conseguiu responder de acordo com o que era pedido e esperado, utilizando em simultâneo e de forma clara os termos em questão.

III. Proposta de Intervenção Educativa

3. Caracterização do Contexto Educativo

Neste capítulo é feita uma descrição pormenorizada da instituição onde decorreu a prática de ensino supervisionada. Como tal, foram utilizados os seguintes documentos estruturantes: Regulamento Interno (RI), Projeto Educativo de Agrupamento (PEA), e o Plano Plurianual de Atividades (PPA).

A instituição educativa em causa é de cariz público e tem ao seu dispor o Ensino Pré-Escolar e 1.º CEB. Foi construída em 1958 e faz parte de um agrupamento de escolas da cidade do Porto, ao qual estão incluídos sete estabelecimentos de

ensino. No entanto, a sede do agrupamento não se localiza na instituição em questão. Esta “é uma unidade organizacional, dotada de órgãos próprios de administração e gestão, constituída pela integração de estabelecimentos de educação pré-escolar e escolas de diferentes níveis e ciclos de ensino” (Decreto-Lei 75/2008).

O RI é o documento

“que define o regime de funcionamento do agrupamento de escolas ou da escola não agrupada, de cada um dos seus órgãos de administração e gestão, das estruturas de orientação e dos serviços administrativos, técnicos e técnico-pedagógicos, bem como os direitos e os deveres dos membros da comunidade escolar” (in decreto lei 75/2008).

O PEA faz-nos uma caracterização mais aprofundada de todo o agrupamento, dos estabelecimentos de ensino em particular (incluindo pessoal docente, pessoal não docente, discentes e do meio envolvente), dos pontos fortes e pontos fracos, das prioridades educativas, das metas a alcançar e por último o plano de ação. Sendo que todo este projeto foi elaborado com o princípio de que o agrupamento faz parte do programa TEIP3 (Territórios Educativos de Intervenção Prioritária) tem como principais objetivos: melhorar a qualidade das aprendizagens traduzida no sucesso educativo dos alunos; combater a indisciplina, o abandono escolar precoce e o absentismo; criar condições para a orientação educativa e a transição qualificada da escola para a vida ativa; promover a articulação entre a escola, os parceiros sociais e as instituições de formação presentes no território educativo.

O PPA,

“é um documento de planeamento, elaborado e aprovado pelos órgãos de administração e gestão do Agrupamento, que define, em função do Projeto Educativo, os objetivos, as formas de organização e de programação das atividades e que procede à identificação dos recursos envolvidos. Este documento não pode circunscrever-se ao registo de um conjunto de tarefas a levar a cabo pela comunidade escolar, mas a uma ação conjunta, tendo como horizonte o cumprimento do Projeto Educativo. O valor intrínseco do Plano de Atividades reside, não no número de atividades que promove, mas no contributo real para aprendizagens efetivamente conseguidas”.

Este documento é composto por vários cronogramas com respetivas atividades a serem realizadas bem como os objetivos das mesmas.

A instituição em particular situa-se numa das freguesias do distrito do Porto, numa zona rodeada, maioritariamente, de bairros sociais, sendo por isso de cariz social e económico médio-baixo. Está inserida numa zona de fácil acesso

vez que se encontra perto de uma autoestrada e de uma praça onde passam inúmeros transportes públicos, incluindo metros, autocarros e táxis. Também é uma zona deveras movimentada, uma vez que o comércio local é o ponto forte daquela freguesia.

No que concerne ao interior da instituição, esta no seu espaço exterior é portadora de dois amplos espaços. Um deles é coberto e é portador de uma baliza de basquetebol. O outro, uma vez que é maior, tem um parque infantil. No interior, este estabelecimento de ensino tem ao dispor duas salas de pré-escolar, sete salas de 1.º ciclo, uma biblioteca, sala de professores, inúmeras casas de banho e uma sala de professores. A sala de aula onde decorreu a prática educativa é bastante ampla e é portadora de uma luz natural, embora tenha também artificial. Tem dois quadros, sendo que um deles é interativo e todo o restante material é novo.

3.1 Caracterização da turma

É primordial e essencial o conhecimento dos alunos, e do meio onde estão inseridos, uma vez que não faz sentido planear o método de ensino sem o conhecimento dos mesmos.

Passaremos assim a caracterizar a turma de 1.º CEB que foi alvo de observação e de intervenção pedagógica, durante um ano letivo.

O grupo em questão frequenta o 3.º ano de escolaridade e é composto por 22 crianças, sendo que catorze são do sexo feminino e oito do sexo masculino. A maioria dos alunos tem 8 anos de idades; porém, existem três com nove anos de idade, uma vez que são repetentes. É importante referir, que o grupo regista seis alunos com apoio (três deles são os alunos repetentes) e um portador de Necessidades Educativas Especiais (NEE).

A turma caracteriza-se pela sua heterogeneidade, pois possui alunos com diferentes ritmos de trabalho e aprendizagem. No entanto, e em modo geral, todos eles são bastante participativos e gostam de aprender conteúdos novos. Os resultados obtidos nas fichas de avaliação variam, contudo, os resultados positivos superam os resultados negativos.

Relativamente ao modo como se relacionam entre si, embora por vezes existam desavenças, dão-se em modo geral muito bem. Também são calmos, educados, sabem respeitar os que os rodeiam e quando erram sabem pedir desculpas. Mantêm de igual modo uma relação positiva com os profissionais de educação. Como já referimos, escola é de cariz público e de nível social e económico baixo, no entanto, a turma em geral tem um nível sócio económico médio, sendo que algumas crianças têm uma situação económica muito boa, e outras, pelo contrário, passam muitas dificuldades. Porém, temos o conhecimento que todas elas têm os cuidados básicos essenciais como a alimentação e a higiene. cremos é que muitas destas crianças não têm um ambiente familiar estável e um apoio adequado. É ainda importante referir que muitos dos alunos não moram no concelho onde se insere a instituição e apenas a frequentam porque a consideram uma instituição de referencia, embora se localize numa zona mais pobre.

No que concerne aos pontos fortes e pontos fracos da turma, e tendo em conta as três áreas curriculares nucleares (Português, Matemática e Estudo do Meio) os melhores resultados são em Estudo do Meio.

Uma boa explicação só por si não chega para o entendimento de uma determinada matéria e este grupo é a prova disso. O envolvimento dos alunos na construção do seu saber, recorrer aos conhecimentos adquiridos anteriormente, partir do que é conhecido para o desconhecido, a sistematização e elogiar os pequenos progressos que cada um vai fazendo é, sem dúvida, a chave para o sucesso destas crianças.

3.2. Estratégias, recursos e instrumentos utilizados na prática educativa

No decorrer deste ano letivo, foram postas em prática diversas estratégias e diversos recursos, que a nosso ver promoveram o sucesso educativo de uma forma diferente, mas ao mesmo tempo eficaz. Tudo o que foi utilizado surgiu com um propósito, com uma intenção e com uma finalidade. É essencial mencionar que, também, todas elas obtiveram resultados satisfatórios e positivos, uma vez

que os profissionais de educação conhecem bem a turma com quem trabalham diariamente.

Assim sendo, de seguida serão apresentadas algumas dessas estratégias e recursos.

3.2.1. Experiências

Antes de se dar início ao tema do corpo humano, que está inserido nos conteúdos da área curricular de Estudo do Meio, mais especificamente a pele e os cinco aparelhos (aparelho digestivo, aparelho respiratório, aparelho circulatório, aparelho reprodutor e aparelho excretor) dividimos a turma em pequenos grupos (aproximadamente três crianças por cada um), e a cada um deles entregou uma folha com uma experiência. As experiências eram as seguintes: “A tua marca”, “Modelo do Pulmão”, “Vê o coração a bater”, “Regista o ritmo cardíaco”, “Movimentos peristálticos”, “Rapaz ou Rapariga”, “O trabalho dos rins”, e exploravam os temas das impressões digitais, dos movimentos dos pulmões e caixa torácica, da pulsação, do batimento cardíaco, do percurso que é feito pelos alimentos, a descoberta do sexo dos bebés, e da função e importância dos rins, respetivamente. Partindo do princípio que as crianças não tinham qualquer conhecimento acerca destes assuntos, como já referimos, entregamos somente uma folha com o nome da experiência, a resolução da mesma, as expectativas (o que achavam que ia acontecer) e a realidade (o que aconteceu realmente, depois de terem realizado a experiência). Inicialmente, foi um pouco confuso, uma vez que as crianças estavam perante um assunto que não lhes dizia nada, mas com a ajuda dos profissionais de educação começaram a tirar algumas conclusões. A explicação também foi bastante clara, o que facilitou. Depois de terem escrito as expectativas, fornecemos alguns livros de apoio e umas folhas com informações, em forma de pistas. Com a ajuda de ambos as dúvidas ficaram esclarecidas e os grupos passaram logo para a ação. No final, cada um apresentou aos restantes elementos, sendo que todos experimentaram as experiências dos outros grupos. Nas aulas seguintes, quando foram abordados os sistemas, embora ainda houvessem muitos pontos

desconhecidos, as crianças sentiram-se muito mais à vontade e muito mais confiantes para a aquisição de novos conteúdos.

Neste caso, foi utilizada uma estratégia simples, para a aquisição de novos conhecimentos. O objetivo foi motivar e desafiar a turma a descobrir conteúdos novos, em detrimento do método expositivo. A grande finalidade foi conseguida, porque atualmente, cada um dos elementos da turma ainda fala dos sistemas sem cometer nenhum erro.



Imagem I- Trabalho de grupo- Preenchimento da folha (expectativas)



Imagem II-Trabalho de grupo- Realização da experiência em pequeno grupo



Imagem III- Trabalho de grupo- Apresentação à turma das pesquisas e da experiência realizada

Embora tenham sido realizadas diversas experiências apresentamos mais duas, cuja realização teve outro propósito. Sendo que a primeira foi realizada com o intuito de motivar os alunos para aprenderem algo novo, estas duas que apresentamos de seguida tiveram como objetivo primordial a aplicação e verificação dos conceitos aprendidos numa aula de Estudo do Meio, acerca das posições do sol ao longo do dia (nascente/sul/poente), dos pontos cardeias e da utilidade e funcionamento de uma bússola.

Depois de apresentados e explicados tais conteúdos, quisemos que as crianças comprovassem que embora em Portugal Continental o sol nasce sempre a este nas montanhas, que ao meio dia se encontra a sul e que se põe a oeste no oceano, noutros lugares fora de Portugal Continental, pode não acontecer o mesmo. Então, apresentamos-lhes um globo branco, que contém apenas as delimitações dos países e pedimos que desenhasse uma rosa dos ventos do lado esquerdo de Portugal. Questionamos a turma acerca da posição do sol no decorrer do dia, e sem qualquer tipo de dificuldades a mesma respondeu o que anteriormente tinha aprendido. Porém, logo de seguida, marcamos um ponto no Rio de Janeiro (Brasil), e mais uma vez solicitamos à turma que desenhasse uma rosa dos ventos, com os pontos cardeias, questionando-a em simultâneo com a posição do sol: onde nasce e onde se põe. A turma hesitou, uma vez que o que tinha aprendido e comprovado anteriormente, não correspondia com o presente exercício. Em suma, nesta experiência a turma pode comprovar e ter a noção precisa de que o sol não nasce sempre nas montanhas, nem se põe sempre no oceano, termos que utilizam inúmeras vezes.



Imagem IV- Experiência com o "Globo Branco"

Também nesta mesma aula, as crianças puderam construir uma bússola com materiais que se usam regularmente no dia a dia: uma agulha, um ímã, uma rolha de cortiça, uma bacia com água e fita cola. Com a construção da mesma, o grupo para além de ter aprendido a construir uma bússola, pôde testemunhar que a mesma indica sempre o ponto cardinal Norte, e o porquê de tal acontecimento.



Imagem V- Experiência da Bússola

Ambas as experiências, para além de terem testado os conteúdos anteriormente lecionados, serviram para os alunos pô-los em prática, e saberem também qual a sua utilidade, no dia a dia.

3.2.2. Os Primeiros Socorros

Uma vez que somos apologistas de aulas dinâmicas e ativas, optamos por ensinar os primeiros socorros da seguinte forma: sentamos a turma à frente da sala, no chão e numa projeção apresentamos imagens de diversas situações: picadas de abelha, mordedura de cão, mordedura de cobra, hemorragia, hemorragia nasal, queimadura, entorse, queda, hipotermia, engasgamento e intoxicação alimentar. À medida que as imagens iam aparecendo, as crianças eram questionadas acerca do que estavam a ver e do que fariam naquela situação. Quando todas os alunos expressaram a sua opinião e o seu ponto de vista, apresentamos a solução, ou seja, o que deveriam fazer realmente naquelas situações. De seguida, exemplificamos ou pedimos que exemplificassem no meio do grupo. Como é obvio, tínhamos um estojo de primeiros socorros que deixamos ao dispor da turma.

Acreditamos que com situações reais, do nosso dia a dia, as crianças compreendem e interiorizam melhor os conteúdos abordados. Nesta aula, a turma não se limitou a ouvir, mas, pelo contrário, foi ela quem guiou a aula, participando ao mesmo tempo de forma ativa.



Imagem VI- Primeiros Socorros- Manobra de Heimlich



Imagem VII- Primeiros Socorros- Posição Lateral de Segurança (PLS)

3.2.3. A história do Capuchinho Vermelho

De modo a fazer revisões para a segunda ficha de avaliação de matemática, optamos por adaptar os conteúdos lecionados à história d'O Capuchinho Vermelho, ou seja, até a Capuchinho chegar a casa da sua Avózinha, tal como acontece na história tradicional, teve de superar vários obstáculos e desafios, todos eles matemáticos. No total foram 10 problemas matemáticos, que abrangeram toda a matéria lecionada ao longo do primeiro período. A história foi projetada no quadro e a turma juntou-se toda à frente da sala. Os exercícios foram todos resolvidos em grande grupo, o que trabalhou o espírito de equipa. Mais uma vez a motivação aliou-se à criatividade e à dinâmica. Os alunos fizeram uma consolidação da matéria dada, de uma forma diferente, que envolveu a interdisciplinaridade (Matemática e Português) e que os incentivou a pensarem e a serem cautelosos nas suas respostas.

Capuchinho desviou-se um pouco do seu percurso, mas lá seguiu viagem até que chegou ao Lago Azul...

...e como já estava um pouco cansada decidiu atravessar o lago de barco, mas...

... o dono do barco avisou-a de imediato:

- Podes ir no barco, **Capuchinho**. Mas ele só suporta 120 quilos! Os remos são fáceis de manejar, e no fim o barco pode ficar na outra margem.

Embora a **Capuchinho** pese apenas 34 quilos, estavam lá também à espera a tartaruga que pesava 37 quilos, o macaco que pesava 68 quilos e o chimpanzé que pesava 72 quilos.

Imagem VIII- Diapositivo do Power Point, da história "O Capuchinho Vermelho"

3.2.4. Baú Surpresa

O Baú Surpresa foi construído para ter como principal objetivo dar apoio aos alunos com mais capacidades, que acabam as tarefas primeiro que a restante turma. Uma vez que estes alunos passam muito do seu tempo dentro da sala de aula, sem fazerem nada, com o Baú passou a ocupar este tempo e, em nosso entender, de uma forma mais cativante. Como objetivo secundário, mas não menos importante, este instrumento apareceu também para motivar os alunos que são mais vagarosos na realização das atividades propostas pelas docentes.

Este Baú assemelhasse ao baú de tesouros, dos piratas, dos desenhos animados que a turma gosta de ver, e no seu interior encontrasse dividido em quatro partes: Expressões, Matemática, Português e Estudo do Meio. Em cada uma destas divisórias encontram-se desafios maioritariamente interdisciplinares, que fazem, em modo geral, uma consolidação da matéria lecionada ao longo das aulas.



Imagem IX-Exterior do Baú Surpresa



Imagem X- Interior do Baú Surpresa

3.2.5. O “Mima-me”

O “Mima-me” é um caderno que serve para elogiar, felicitar, incentivar, encorajar, estimular, apoiar (entre outros) todos os elementos da sala (alunos e professoras). Os elogios são feitos e escritos pelos próprios alunos, pelas professoras da turma, pelos professores da escola e pelos funcionários, todavia só podem ser dirigidos para aquela turma. Cada pessoa pode escrever no caderno quando quiser, sem dizer nada a ninguém. Pode também pegar no mesmo apenas para ler. Esta estratégia serviu sobretudo para alentar as

crianças, para que estas se sintam acarinhadas e protegidas e consequentemente capazes e confiantes para irem sempre mais além e nunca desistirem. Todavia serviu também para incutir o espírito de “companheirismo” e o respeito pelo outro, uma vez que o egocentrismo foi gradualmente abolido.



Imagem XI- Caderno "Mima-me"

3.2.6. Uma aula de feitiços

Numa aula de Português, em que os conteúdos a serem abordados eram a formação de palavras através da derivação (prefixação, sufixação ou prefixação e sufixação), optamos por aparecer vestida de Bruxa. A mesma apresentou-se como tal, e que viria aquela aula para criar palavras novas, através de feitiços. Inicialmente informou que antes de ensinar alguns feitiços teria de explicar a temática em questão. Começou por abordar de forma clara os conteúdos e, no final, simulou um feitiço, no qual pediu a um dos alunos para ver o que tinha debaixo da mesa. Como era de esperar, este tinha uma mensagem que fazia uma síntese do que foi lecionado minutos antes.

Deu continuidade à aula, dizendo à turma que a mesma já estava preparada para criar palavras novas, através dos feitiços. Começou por mexer a panelinha mágica (acessório que a acompanhou desde início) e depois preferiu a palavra mágica *Abracadabra*. Tirou um pedaço de papel lá de dentro com a ponta dos dedos, simulando que estava sujo. Leu o mesmo e com ar de espantada avisou

as crianças que tal feitiço não tinha resultado, uma vez que a palavra apenas continha a forma base/mãe. Então pediu ajuda a uma das crianças, para completar a palavra e, posteriormente, solicitou a mesma para escrever o resultado final no quadro, para dizer em voz alta o que acrescentava, e qual o processo de formação utilizado. Este exercício repetiu-se de forma a que todas as crianças participassem.

Nesta aula, como se pôde constatar, a entrada da Bruxa na sala de aula criou desde logo uma grande expectativa, e uma grande motivação para a aprendizagem de conteúdos novos. Também a forma divertida como dialogou, a boa disposição, o uso de determinados gestos e também o fazer de conta que acertava no nome das crianças, entre outros, captou de tal forma a atenção dos alunos, que estes mantiveram-se calados, participativos e interessados durante toda a aula. O intercalar das várias estratégias (leitura, registo no quadro, conversa e questões) foi assim muito bem conseguido.



Imagem XII- Acessórios utilizados na aula da Bruxa



Imagem XIII- Jogo da criação de palavras novas

3.2.7. Quando são as crianças a lecionar a aula

De modo a envolver as crianças nas suas aprendizagens tal como nos refere a teoria do construtivismo e o método interrogativo, colocamo-las, mais do que uma vez, no papel do professor. Sendo que em algumas das vezes elas levavam pesquisas para fazerem em casa juntamente com os pais, para na aula seguinte poderem apresentar aos colegas de turma os resultados encontrados, noutras os materiais eram fornecidos nas próprias aulas, e em grupo os alunos pesquisavam e preparavam uma apresentação para a restante turma.

Pegando neste último exemplo, uma das aulas que seguiu esta estratégia abordava a evolução dos meios de transporte e os meios de comunicação. Criámos diferentes grupos, segundo alguns critérios e entregámos a cada um, uma série de imagens de acordo com os tipos de meios de transporte e com o tipo de formas de comunicação. Inicialmente, pedimos que organizassem as mesmas segundo determinado critério. Aqui, as crianças constataram que umas eram mais antigas (por exemplo a canoa, para a evolução dos meios de transporte, e a escrita com uma pena, para a evolução dos meios de comunicação) e outras mais recentes (como é o caso do navio, para a evolução dos meios de transportes, e do computador, para a evolução dos meios de comunicação). De seguida, fornecemos a cada um dos alunos, folhas com esquemas síntese da matéria em questão e o manual de Estudo do Meio, solicitando em simultâneo que comprovassem o que tinham feito anteriormente, e que ainda aprofundassem o assunto.

No final, todos os grupos conseguiram apresentar de forma clara as pesquisas e os resultados obtidos.

Esta estratégia, para além de envolver de forma significativa os alunos nas suas aprendizagens, tornando-os protagonistas das suas próprias aprendizagens, trabalha o sentido de responsabilidade, pois o percurso feito até ao resultado final fará com que a restante turma aprenda correta ou incorretamente. Importante é referir que a professora estagiária orientou sempre os alunos, e sempre que alguma gafe era cometida, a mesma corrigia-a.



Imagem XIV- Trabalho de Grupo- Pesquisa e preparação da apresentação



Imagem XV- Trabalho de Grupo- Apresentação das pesquisas realizadas

3.2.8. Uma exposição dentro da sala de aula

Com o objetivo de proporcionar mais uma aula diferente, capaz de marcar de forma significativa o percurso escolar dos alunos, transformamos a sala de aula numa exposição. O conteúdo a ser trabalhado na presente aula era a Banda Desenhada. Por isso, optou-se por colocar as mesas numa disposição diferente ao que é habitual e em cima destas havia pistas acerca dos pontos fulcrais a serem trabalhados (o que é uma banda desenhada, uma vinheta, uma tira e uma prancha), bem como os mais variados livros de Banda Desenhada. Estes, que eram aproximadamente trinta, continham as mais diversas histórias, em vários formatos, sendo que umas eram mais antigas e outras eram mais recentes.

Portanto, na primeira parte da aula, os alunos puderam circular entre as mesas, aprendendo em simultâneo com as pistas fornecidas e com a exploração dos livros. Na parte final da aula, eles próprios puderam criar as suas Bandas Desenhadas, uma vez que foram fornecidas folhas A3 e material de desenho.



Imagem XVI- Exposição da Banda Desenhada- Folhear dos livros

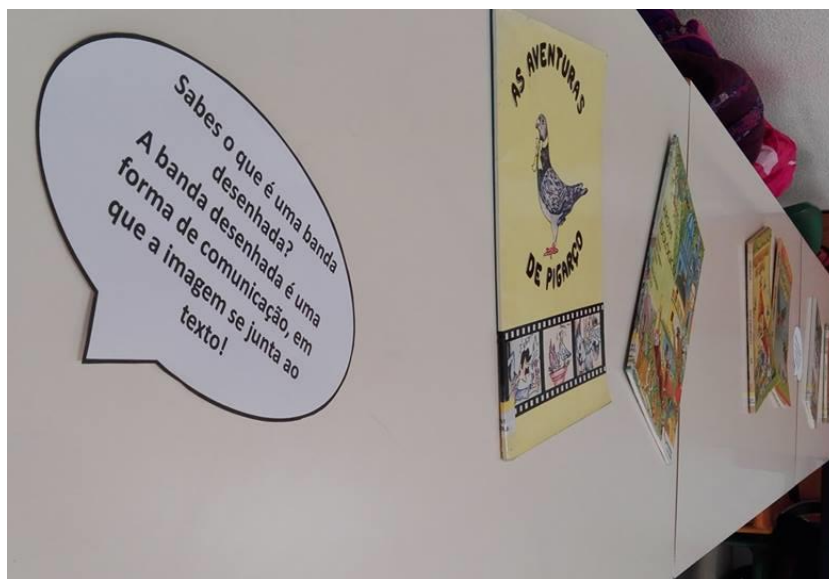


Imagem XVII- Exposição da Banda Desenhada- Uma das várias mesas da exposição

Considerações Finais

Tendo em conta a nossa experiência, deparamo-nos, ainda, com um tipo de ensino, em que a maioria dos professores acredita que o seu dever é, somente, transmitir conhecimentos, colocando de lado questões e preocupações como: será que os alunos estão a aprender os conteúdos lecionados?; Será que estão predispostos para tal?; Será que os alunos estão bem emocionalmente/psicologicamente?; Será que têm interesse em estar nas aulas?; Será que se sentem bem e confortáveis, na sala de aula?; Será que as estratégias utilizadas são as mais adequadas?

Por outras palavras, cremos que, em regra geral, a única preocupação dos docentes é lecionar o programa nos tempos estabelecidos, sem ter em consideração as facilidades/dificuldades das crianças, assim como todo o meio em que estas estão envolvidas. Portanto, pensamos que os baixos resultados obtidos e que o insucesso escolar predominante nas escolas são, também, resultado de tudo isto que foi referido.

Como foi descrito no início, achamos fulcral a reformulação de estratégias e práticas utilizadas dentro das salas de aulas. Acreditamos que para o alcance do Sucesso Educativo, para além de uma boa “transmissão” de conhecimentos é preciso ter em conta outros fatores como a Motivação, a Criatividade e uma Relação Pedagógica Positiva. Acreditamos fielmente que se as crianças forem para a escola com gosto, se se sentirem felizes e motivadas por lá estar e por aprender conteúdos novos, se sentirem o apoio dos docentes, entre outros, o Sucesso Educativo é mais facilmente conseguido.

Pretendemos, também, que os professores tornem o papel das crianças mais ativo, uma vez que estas quando se sentem integradas e valorizadas, sentem-se, em contrapartida, mais capazes e confiantes. Mais uma vez reforçamos a ideia de que o docente deve estar sempre presente, uma vez que deve sempre guiar e conduzir os mais novos para o que está correto, ou seja, para o sucesso educativo. Não querendo com isto insinuar que deve facilitar o processo de ensino-aprendizagem. Parafrazeando Gonçalves (2006, p.104)

“ao invés de um professor-companheiro que se coloca ao nível dos alunos e tudo facilita, pensamos que a tarefa do professor será mais próxima da tarefa de um jardineiro que, acreditando que o desenvolvimento dos alunos (plantas) se processa “fora” do seu controlo, lhes cria condições essenciais ao seu

crescimento, não esquecendo, porém, que o aluno deve obedecer ao professor, porque este último do ponto de vista metodológico, da informação e da construção de sentido é líder (...) cabe, no nosso entender, ao professor fomentar os processos de aquisições de conhecimento, construir motivações...”.

Face a tudo o foi escrito no decorrer deste estudo, e tendo em consideração que as várias propostas de estratégias, recursos e instrumentos apresentados foram colocados em prática, podemos tirar várias conclusões, através da observação e avaliação realizadas na sala de aula, no decorrer deste ano letivo: os alunos mostraram-se muito mais participativos, confiantes e felizes, em todo o processo. O entusiasmo foi notório, aula após aula. Sendo que a maioria dos elementos do grupo eram um pouco reservados, a insegurança deu lugar à confiança e vontade de participar; nas aulas em que os alunos puderam vestir eles o “papel dos professores”, o interesse dos mesmos pelas aulas cresceu de forma significativa. O empenho, o rigor e a precisão foram também visíveis; também, nas diversas aulas em que as crianças tiveram um papel ativo na construção das suas próprias aprendizagens, mostraram-se muito mais focadas, atentas e dedicadas, pois sabiam que era a partir delas, que os colegas iam aprender conteúdos novos. Caso errassem, em contrapartida, pensavam que os mesmos iam aprender de forma errada. Claro que tal não aconteceu, uma vez que os docentes estavam a guiar as presentes aulas. Também o espírito crítico foi trabalhado praticamente sem as crianças se aperceberem. Na preparação das suas aulas, as várias opções e decisões que foram tomando, apresentaram-se importantíssimas para o resultado final - a apresentação; no que concerne à parte emocional das crianças, todo o tempo que foi disponibilizado em torno delas com diálogos foi fundamental, pois as mesmas evidenciaram um à vontade, uma predisposição e uma confiança muito mais evidentes. Aos poucos e poucos foram percebendo que podiam confiar nas professoras, independentemente de quais fossem as suas tormentas, problemas e erros; para além do diálogo, a forma de comunicação que vigorou dentro da sala de aula foi crucial em diversos momentos, salientado os esclarecimentos de dúvidas. Nestas situações, podemos comprovar como a calma, a tranquilidade, a simplicidade, a transparência nas palavras e a postura fazem a diferença; ainda relativamente à parte emocional e psicológica das crianças, o caderno “Mima-me” trouxe a estas uma nova visão sobre a amizade. Aprenderam a elogiar, a felicitar, a incentivar e a agradecer. Um recurso que inicialmente parecia

estranho, passou a ser um dos mais requisitados ao longo do tempo; em prol deste recurso, os trabalhos de grupo começaram a ser mais produtivos e eficazes. Inicialmente, a turma não conseguia trabalhar em grupo e acabavam sempre por culpar o colega do lado. Com o passar do tempo perceberam que saber ouvir, partilhar ideias ordeiramente e respeitar a opinião do outro é deveras importante; por último, mas igualmente importante, os resultados obtidos. Estes que por sinal foram bastante satisfatórios. Foi evidente que as matérias que foram lecionadas, através destas práticas foram eficazes, uma vez que nas avaliações (por exemplo) os alunos conseguiram sempre explicitar o que aprenderam com sucesso.

Acreditamos que não há maior alegria do que ver crianças felizes dentro das salas de aula e a aprender com gosto. Sem este ambiente não nos parece possível alcançar o sucesso educativo.

Referências Bibliográficas

- Altet, M. (2000). *Análise das Práticas dos Professores e das Situações Pedagógicas*. Porto: Porto Editora.
- Arends, R. (1995). *Aprender a Ensinar*. Lisboa : McGraw-Hill.
- Azevedo, J., Gonçalves, D., Gonçalves, J., Silva, C., Nogueira, I., Sousa, J., & Tavares Moreira, L. (2014). *O que desencadeia o sucesso em alunos com baixo rendimento escolar, no Projeto Fénix*. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti e Universidade Católica Portuguesa.
- Balancho, M. J., & Manso Coelho, F. (1994). *Motivar os alunos - Criatividade na relação pedagógica: Conceitos e Práticas*. Lisboa: Texto Editores.
- Barros, D. M. (2013). *Estilos de Aprendizagem e o Uso das Tecnologias*. Santo Tirso: De Facto Editores .
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação - Um guia para a pesquisa em ciências sociais*. Lisboa: Texto Editora .
- Cardoso, P. J. (2013). *O Professor do Futuro*. Lisboa: Guerra e Paz Editores .
- Davies, D. (1989). *As Escolas e as Famílias em Portugal - Realidade e perspectivas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Estanqueiro, A. (2012). *Boas Práticas na Educação - O Papel dos Professores*. Lisboa: Editorial Presença.
- Estrela, M. T. (1994). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na aula*. Porto: Porto Editora.
- Expoente - Serviços de Economia e Gestão, S. A. (2007). *Métodos, Técnicas e Jogos Pedagógicos: Recurso Didático para formadores*. Braga: Expoente - Serviços de Economia e Gestão, S. A. .
- Fernandes, P., Mouraz, A., & Torres, A. (2016). *Olhar para dentro, projetar para fora: Promovendo a partilha de experiências e a reflexão participada entre escolar e universidade*. Porto: CIIIE/ Mais Leitura.
- Ferreira, M. S., & Ribeiro dos Santos, M. (s.d.). *Aprender a ensinar, ensinar a aprender*. Porto: Edições Afrontamento.
- Gonçalves, D. (2006). *Da Inquietude ao Conhecimento - Saber & Educar nº11*. Porto: ESE de Paula Frassinetti .
- Juif, P., & Legrand, L. (1980). *Grandes Orientaciones de la Pedagogia Contemporanea*. Madrid: Narcea, S. A. De Ediciones.
- Machado, E. A., Alves, M., & Ribeiro Gonçalves, F. (2011). *Observar e Avaliar as Práticas Docentes*. Santo Tirso: De Facto Editores.
- Moreira, L. (2016). Projeto Fénix: percurso e balanço. In J. Formosinho, J. Verdasca & J. M. & Alves (Org.), *Nova Organização Pedagógica na Escola* (pp. 233-268). Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- Ministério da Educação, Decreto-Lei 75/2008

- Postik, M. (1995). *Para uma estratégia pedagógica do sucesso escolar*. Porto: Porto Editora.
- Ribeiro, M. L. (2010). *Afetividade na Relação Educativa*. Campinas: Estudos de Psicologia. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-166X2010000300012&script=sci_arttext consultado em: 29 de outubro de 2016
- Santos, Á. A., Bessa, A., Simões Pereira, D., Mineiro, J., Dinis, L., & Silveira, T. (2009). *Escolas de Futuro: 130 Boas Práticas de Escolas Portuguesas para directores, professores e pais*. Porto: Porto Editora.
- Simão, A. M., Sousa, C., Marques, F., Miranda, G. L., Freire, I., Menezes, I., Nogueira, S., (2010). *Psicologia da Educação - Temas de desenvolvimento, aprendizagem e ensino*. Lisboa: Relógio D'Água Editores.
- Zabalza Beraza, M.A. & Zabalza Cerdeiriña, M. A. (2012). *Professores/as y Profesión Docente*. Madrid: Narcea Editores.
- Zins, J. E. et al (Eds.). (2004). *Building academic success on social and emotional learning: What does the research say?* New York: Teachers College Press.

Documentos Orientadores da Instituição

Regulamento Interno da Instituição de 1.º Ciclo do Ensino Básico

Projeto Educativo da Instituição de 1.º Ciclo do Ensino Básico

Plano Plurianual de Atividades da Instituição de 1.º Ciclo do Ensino Básico

Anexos

Índice de Anexos

Anexo I- Inquérito por Questionário

Anexo I- Inquérito Por questionário

No âmbito do curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico é nosso objetivo investigar a promoção do Sucesso Educativo. A nosso entender existem três fatores que ajudam na promoção deste: a motivação, a criatividade e a existência de uma relação pedagógica equilibrada. Deste modo, gostaríamos de realizar este inquérito por questionário aos alunos de segundo ano do mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e aos alunos de segundo ano do mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2º Ciclo do Ensino Básico, para obtermos diversas opiniões sobre esta temática.

A opinião de cada um é deveras importante, e desde já agradecemos a disponibilidade. Garante-se a confidencialidade e anonimato dos dados fornecidos

1. Caracterização Pessoal

1.1- Género

Feminino

Masculino

1.2-Grupo Etário

Idade _____

1.3- Mestrado em que se encontra inscrito atualmente

Educação Pré-Escolar e Ensino do 1ºCiclo do Ensino Básico (Perfil 3)

Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2º Ciclo do Ensino Básico (perfil 4)

2- O Sucesso Educativo

2.1- que entende por "Sucesso Educativo"?

2.2- Tendo por base as diversas definições que são dadas sobre o "Sucesso Educativo", seleccione a opção que considera mais adequada.

	Discordo totalmente	Discordo	Não Concordo, Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
O sucesso educativo depende de um conjunto de fatores e não apenas das classificações finais de um aluno.					
O sucesso educativo parte da postura de um docente perante as					

dificuldades que cada aluno apresenta.					
O sucesso educativo depende das relações estabelecidas entre a escola e a família.					
O sucesso educativo depende dos diferentes ritmos de aprendizagem.					
O sucesso educativo depende da motivação dos alunos e no interesse constante do docente pelos discentes.					
O sucesso educativo é mais facilmente conseguido quando existe um trabalho em equipa entre alunos, professores e família.					

3. A Motivação

3.1- O que entende por “Motivação”?

3.2- Tendo por base as diversas definições que são dadas sobre "Motivação", selecione a opção que considera mais adequada

	Discordo totalmente	Discordo	Não Concordo, Nem discordo	Concordo	Concordo Totalmente
O motivo é aquilo que leva o ser humano a agir, a realizar qualquer coisa. Tudo aquilo que ele faz, faz por um motivo.					
Motivação é aquilo que suscita e desperta interesse para realizar algo. Esta é importantíssima em todos os campos de atividades.					
Com motivação consegue-se que o aluno tenha interesse em aprender, ajudando-o a estabelecer objetivos pessoais e desenvolver conceções que favoreçam a responsabilização pessoal pelo sucesso do estudo.					
Aliar os interesses dos alunos (por exemplo os desenhos animados preferidos) à matéria a ser lecionada irá tornar-se uma enorme fonte de motivação, na qual todos vão querer participar.					
A motivação facilita o sucesso educativo.					
A motivação pode ser um entrave na promoção do sucesso educativo.					

3.3- Acha importante o fator *Motivação*, para o alcance do Sucesso Educativo? Se sim, como o punha em prática?

4 A Criatividade

4.1- O que entende por “Criatividade”?

4.2 Tendo por base as diversas definições que são dadas sobre "Criatividade", selecione a opção que considera mais adequada.

	Discordo totalmente	Discordo	Não Concordo, Nem Discordo	Concordo	Concordo Totalmente
A criatividade é um excelente antídoto contra a passividade, o aborrecimento, a falta de iniciativa e a desmotivação institucionalizada, que existem nas escolas.					
A criatividade quando é posta em prática nas suas diferentes formas, contém estruturas que fomentam a motivação.					
Os professores competentes respeitam a diferença de aptidões dos alunos, diversificando as metodologias de ensino, os recursos utilizados e os instrumentos de avaliação das aprendizagens.					
Os professores que adotem um estilo criativo na elaboração dos seus recursos e que estimulem os interesses e necessidades dos alunos, a receptividade por parte destes será, logo à partida, muito maior.					
A criatividade alimenta-se da busca e experimentação, da comprovação de alternativas, da novidade e da originalidade					
A criatividade é um fator importante, para a promoção do sucesso educativo					
A criatividade pode ser um entrave no alcance do sucesso educativo .					

4.2- Acha importante o fator “Criatividade”, para a promoção do Sucesso Educativo? Se sim, como a coloca em prática?

5. A Relação Pedagógica

5.1- O que entende por uma relação pedagógica positiva?